



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

Bruno Basilio Cardoso de Lima

**SEXUALIDADE, DEFICIÊNCIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: um estudo
temático de teses e dissertações em programas de pós-graduação de
educação no Brasil a partir do banco de dados da BDTD**

Caruaru

2022

Bruno Basilio Cardoso de Lima

**SEXUALIDADE, DEFICIÊNCIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: um estudo
temático de teses e dissertações em programas de pós-graduação de
educação no Brasil a partir do banco de dados da BDTD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maria Goretti Donato Bazante

Caruaru

2022

Catalogação na fonte:
Bibliotecária – Paula Silva - CRB/4 - 1223

L732s Lima, Bruno Basilio Cardoso de.

Sexualidade, deficiência e formação de professores: um estudo temático de teses e dissertações em programas de pós-graduação de educação no Brasil a partir do banco de dados da BDTD. / Bruno Basilio Cardoso de Lima. – 2022.

60 f.; il.: 30 cm.

Orientadora: Tânia Maria Goretti Donato Bazante.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, 2022.

Inclui Referências.

1. Comportamento sexual - Brasil. 2. Pessoas com deficiência - Brasil. 3. Professores - Formação - Brasil. 4. Abordagem interdisciplinar do conhecimento - Brasil. 5. Educação inclusiva - Brasil. 6. Prática de ensino – Brasil. I. Bazante, Tânia Maria Goretti Donato (Orientadora). II. Título.

CDD 371.12 (23. ed.)

UFPE (CAA 2022-027)

Bruno Basilio Cardoso de Lima

SEXUALIDADE, DEFICIÊNCIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: um estudo temático de teses e dissertações em programas de pós-graduação de educação no Brasil a partir do banco de dados da BDTD

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática

Aprovada em: 26/04/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tânia Maria Goretti Donato Bazante (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. João Eduardo Fernandes Ramos (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Kalline Flávia Silva de Lira (Examinadora Externa)

Universidade de Pernambuco

Profa. Dra. Ana Maria Tavares Duarte (Examinadora Externa)

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por colocar pessoas maravilhosas em meu caminho e me dar uma família que é motivo de orgulho para mim em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais, Dea e Alexandre, por sempre estarem ao meu lado durante todos os momentos fáceis e difíceis da minha caminhada, nunca desistiram de mim e renunciaram a várias coisas para me fazer estudar e ser o que sou. Muito obrigado, sem vocês eu não estaria aqui. O amor que sinto por vocês não tem barreiras e é incondicional.

À minha família, obrigado por acreditarem em mim e nas minhas metas. Obrigado por acreditar nos meus sonhos e sempre me motivar a seguir em frente. Bom saber que posso contar com vocês em todos os momentos. Amo vocês!

À minha orientadora, Tânia MARAVILHOSA Bazante, por estar ao meu lado motivando mesmo sem me conhecer, no primeiro dia da seleção do mestrado, me falando “Tudo vai dar certo”. Tendo toda a paciência e amorosidade do mundo quando batia na porta dela para tomar café e falar sobre a dissertação. Agradeço a todos os ensinamentos compartilhados, obrigado por tudo!

As minhas amigas, em especial a Polly, Thaise e Luedja por estarem sempre prontas a me ajudar e com um sorriso no rosto.

“Por mais inteligente que alguém possa ser, se não for humilde, o seu melhor se perde na arrogância. A humildade ainda é a parte mais bela da sabedoria.”
(NELSON, 1980, p. 51)

RESUMO

As inquietações presentes na contemporaneidade frente ao que evidencia um olhar mais efetivo na direção das práticas e concepções dos professores e as questões que se referem a debates sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, provocou a investigação a partir de um problema de pesquisa ao nos questionar a existência de uma fundamentação teórica robusta, analisando a manifestação da sexualidade de pessoas com deficiência na escola a partir de análises construídas em teses e dissertações, tomando nosso desejo de identificar em nível de trabalhos de pós-graduação o encontro uma possíveis investigações que potencializem esse lugar de produção de conhecimento. Diante deste aspecto, esta pesquisa teve como objetivo compreender, a partir dos estudos de teses e dissertações, tendo em vista mapear e interpretar como estes estudos desenvolvidos no Brasil apontam pistas para trabalhos sobre o tema de nossa inquietação de pesquisa. A partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa, tomamos como metodologia a análise bibliográfica. Para chegar as teses e dissertações, que para nós foram documentos importantes para identificar contribuições de investigações faziam investidas na direção de produção de conhecimentos sobre a temática pesquisada, definimos como lugar, fonte de busca dos dados, a página da BDTD. Entre as diversas possibilidades o levantamento apontou 5 (cinco) pesquisas que estabelecem relação com nossa pergunta de pesquisa e objetivos de nossa investigação. Para melhor entender o desenrolar da escrita desses trabalhos definidos, separamos a análise em categorias de distribuição cronológica, região do Brasil e formação dos autores, pelo tipo de pesquisa e pelas conclusões. Conseguiu-se identificar que dentro do círculo dos estudantes com deficiência o tema da sexualidade ainda é pouco falado pelos pais, por isso essa temática ainda reflete, por vezes reforça, a ideia de tabu, desafiando a superação de pensamentos limitantes que acabam por afirmar que a culpa é dos pais ou da escola, pois os mesmos infantilizam o corpo tido como deficiente, carregado do preconceito que por sua vez é reforçado pela sociedade em que vivem. As considerações destes estudos apontam ainda a hegemonia no pensamento do modelo biomédico quando se trata de pessoas com deficiência, o que pode estar levando ao impedimento do desenvolvimento dos debates sobre as manifestações da sexualidade neste público, apontando em outra direção quando precisamos de práticas e concepções que são urgentes e podem ser ressignificadas a partir de modelos social e biopsicossocial, fortalecendo seguir como referência à proposta da educação inclusiva e seu fortalecimentos no espaço das escolas que reconhece os corpos em sua diversa dignidade humana.

Palavras-chave: sexualidade; deficiência; formação de professores; modelo biopsicossocial; educação inclusiva.

ABSTRACT

The concerns present in the contemporaneity in the face of what evidences a more effective look towards the practices and conceptions of teachers and the questions that refer to debates on the sexuality of people with disabilities provoked the investigation from a research problem by questioning us about the existence of a robust theoretical foundation, analyzing the manifestation of sexuality of people with disabilities at school from analyzes built on theses and dissertations, taking our desire to identify at the level of postgraduate works the meeting with possible investigations that enhance this place of knowledge production. Given this aspect, this research aimed to understand, from the studies of theses and dissertations, with a view to mapping and interpreting how these studies developed in Brazil point to clues for works on the topic of our research concern. From a qualitative research approach, we took as a methodology the bibliographic analysis. In order to arrive at the theses and dissertations, which for us were important documents to identify contributions from investigations that made investments in the direction of knowledge production on the researched topic, we defined the BDTD page as the place, source of data search. Among the various possibilities, the survey pointed out 5 (five) studies that establish a relationship with our research question and the objectives of our investigation. In order to better understand the development of the writing of these defined works, we separated the analysis into categories of chronological distribution, region of Brazil and education of the authors, by the type of research and by the conclusions. It was possible to identify that within the circle of students with disabilities the topic of sexuality is still little talked about by parents, so this topic still reflects, sometimes reinforces, the idea of taboo, challenging the overcoming of limiting thoughts that end up stating that it's the parents' or the school's fault, as they infantilize the body seen as deficient, loaded with prejudice, which in turn is reinforced by the society in which they live. The considerations of these studies also point to the hegemony in the thinking of the biomedical model when it comes to people with disabilities, which may be preventing the development of debates on the manifestations of sexuality in this public, pointing in another direction when we need practices and conceptions that are urgent and can be re-signified from social and biopsychosocial models, strengthening to follow as a reference to the proposal of inclusive education and its strengthening in the space of schools that recognize bodies in their diverse human dignity.

Keywords: sexuality; deficiency; teacher training; biopsychosocial model; inclusive education

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1- Distribuição cronológica das teses e dissertações (n=5)..... | 39 |
| Gráfico 2- Distribuição das produções no Brasil por regiões (n= 5)..... | 42 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-----------|---|----|
| Quadro 1- | Distribuição dos artigos localizados, excluídos e selecionados pelas bases de dados Brasil..... | 20 |
| Quadro 2- | Estudos selecionados com ano de publicação, título e periódicos 2000 a 2020..... | 20 |
| Quadro 3- | Sistema de síntese crítica dos artigos selecionados 2000 a 2020..... | 21 |
| Quadro 4- | Teses e dissertações encontradas na BD TD..... | 36 |
| Quadro 5- | Número dos trabalhos selecionados, título e nome dos autores..... | 37 |
| Quadro 6- | Quadro os tipos de programa de pós-graduação (n=5)..... | 43 |
| Quadro 7- | Formação dos principais autores..... | 44 |
| Quadro 8- | Pelos métodos e conclusão..... | 46 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|--------|---|
| BDTD | Biblioteca Digital de Teses e Dissertações |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| IBICT | Instituto Brasileiro de Informações, Ciência e tecnologia |
| IES | Instituição de Ensino Superior |
| PCN | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| SciELO | <i>Scientific Electronic Library Online</i> |

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 | DIALOGANDO COM OS ESTUDOS E SUAS EVIDÊNCIAS DE RELEVÂNCIA AO TEMA A PARTIR DO ESTADO DA ARTE | 17 |
| 3 | SEXUALIDADE E A RELAÇÃO COM A MANIFESTAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA..... | 24 |
| 4 | PRÁTICA DOCENTE INCLUSIVA E O MODELO BIOMÉDICO, SOCIAL E BIOPSICOSOCIAL..... | 29 |
| 5 | METODOLOGIA..... | 35 |
| 6 | ANÁLISE DISCUSSÃO..... | 38 |
| 6.1 | Distribuição cronológica das teses e dissertações..... | 39 |
| 6.2 | Por região do país e formação dos autores..... | 42 |
| 6.3 | Pelos resultados e conclusões..... | 45 |
| 6.4 | Considerações sobre a análise..... | 49 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 53 |
| | REFERÊNCIAS..... | 55 |

1 INTRODUÇÃO

Poucas coisas se têm certeza na vida, mas na época da adolescência a única que eu tinha era que não queria ser professor, pois enxergava na família professores desmotivados que reclamavam o tempo todo da escola, dos estudantes e dos salários baixos. O que me fez inicialmente optar em fazer o bacharelado em Educação Física por sempre gostar do ambiente das academias, mas com um foco principal na formação dos bacharéis com cursos de preparação para prática no mercado de trabalho.

Já morando em Caruaru, recebi a proposta de trabalhar com o componente curricular de Educação Física no município da cidade, na primeira aula foi amor à primeira vista, a partir desse momento foi uma cascata de emoções e evoluções, fazer a licenciatura, uma pós-graduação em Educação Física Escolar e outra pós-graduação em Coordenação Acadêmica. Adentrar no mundo pedagógico abriu uma nova reflexão enquanto ser humano, bem como o quanto o papel do professor crítico e criativo é necessário para o desenvolvimento dos estudantes e sua relação com um processo de formação que possibilite o êxito escolar.

Em um determinado momento da vivência pedagógica pude conviver com três alunos com deficiência física em uma turma de 8º ano do ensino fundamental. Abordando os conhecimentos do sistema reprodutor percebi que esses alunos tinham muitas inquietações sobre seu corpo e sobre sua sexualidade, assim como todos nessa idade, mas sempre eram subestimados pelos outros professores e pelos pais que sempre os infantilizam. Essa situação me inquietou a ponto de criar uma oficina sobre sexualidade que foi vivenciada com toda a escola e ficou em segundo lugar no projeto dos professores nota 10 pelo Ministério da Educação no ano de 2018.

Depois do prêmio fui convidado para trabalhar em uma escola bem mais próxima da minha casa, fazendo-me mudar de realidade e deixar os antigos alunos. Chegando à escola da nova localidade me deparo com dez alunos com deficiência. Mais uma vez percebo que sofriam os mesmos problemas em relação a temática das questões da sexualidade, principalmente a infantilização. Neste momento, as situações evidenciavam casos mais delicadas que os da outra escola. Nesse momento, veio em mente um texto do livro de Paulo Freire onde ele diz: Não importa

a faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho realizado com gente miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca (FREIRE, 2005).

Com as afirmações acima nossas reflexões nos impulsionaram a inquietações pessoais sobre o que provoca a não construção de um currículo com temas referentes a sexualidade? Por que esses temas, pela maneira que me parecia serem invisibilizados, não ganhavam importância em relação a sua urgência de estarem cada vez mais inseridos no processo da formação dos professores para lidar com a manifestação da sexualidade dos alunos com deficiências, bem como o encadeamento desse assunto na sociedade acadêmica?

Em 2019, decidi submeter-me a seleção do mestrado na Universidade Federal de Pernambuco no Campus de Caruaru, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, com o projeto na área de estudos da sexualidade e a criação de metodologias para melhor lecionar à temática. Sendo aprovado na seleção e diante do percurso das minhas inquietações fui direcionado para a linha de Currículo e Formação de Professores para ser orientado pela professora Doutora Tânia Bazante. Em nossa primeira orientação ela me indagou sobre a inserção do aluno com deficiência e as situações problematizadoras que trazia no meu campo de atuação em na temática da sexualidade, fazendo com que trouxesse à tona os questionamentos e inquietações vivenciados na prática. Nesse momento de diálogo e novas reflexões, trazendo novas lentes e perspectivas, o foco do projeto foi alterado com muita felicidade e engajamento.

Nos meses que se seguiram pesquisei sobre a grande área da educação especial e inclusiva com ênfase na sexualidade de alunos com deficiência e o conceito de corporeidade nessa correlação, assim como sobre as questões da formação inicial dos professores e o cotidiano escolar para tentar responder as perguntas que tanto me inquietavam em relação a prática docente, uma vez que nos dedicaríamos a vivência no campo de atuação.

Adentrando aos estudos, partimos de algumas pontuações como o destaque para a discussão da sexualidade que ultrapassa os discursos morais, religiosos e

sociais. Uma compreensão norteada por exemplo nas discussões que vem sendo pautada no eixo dos direitos das reivindicações de movimentos sociais¹,

Nos séculos XX e XXI, também se destacaram as ações que possibilitaram a acessibilidade das pessoas com deficiência a vida diária em comunidade (RODRIGES, 2020), mas nos parece que ainda falta muito para chegarmos ao assegurar de muitos direitos, e, como afirma Sasaki, essas pessoas enfrentam barreiras discriminatórias pelo meio de movimentos políticos organizados exigindo um trato igualitário (SASSAKI, 2003).

Um indicador do problema de pesquisa são as teses, dissertações e artigos que foram publicados no banco de dados da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e dissertações (BDTD), o que nos foi possível identificar ao realizarmos o estado da arte dos nossos estudos.

Uma análise das publicações utilizando as palavras-chave sexualidade e deficiência, para facilitar a busca foi utilizado o booleano “AND” para especificar os trabalhos que atendesse as três palavras norteadores da busca nesse momento para as produções pesquisadas. Essa revista está aberta para publicações desde 1986, mas sua versão eletrônica está disponível desde 2016. Nessa busca, apenas sete trabalhos foram publicados relacionados ao tema proposto. O que sinalizou um baixo número de publicações na revista referentes a temática estudada.

Em relação a teses e dissertações na área proposta, poucas são as que tomam a formação de professores em relação deficiência e sexualidade. Como poderá ser visto na parte em que apresentaremos adiante.

Esses movimentos iniciais do estudo nos sinalizaram para a pertinência em aprofundar os conhecimentos nos assuntos abordados para a problemática da pesquisa. Pois essas informações nos possibilitaram perceber um desafio que vem desde 1987 a partir de uma análise crítica, de acordo com as bases bibliográficas utilizada no artigo da professora Rosana Glat, para que essa discussão seja abordada com mais frequência no ambiente de formação docente (GLAT, 1992).

A partir dessas investidas e vivências foi levantado como **questão de pesquisa:** Existe uma fundamentação teórica analisando a manifestação da sexualidade de

¹ Movimentos Sociais é um termo técnico que define a ação da reunião de um grupo de pessoas e organizações sociais para defender ou promover certos interesses, tanto na preservação quanto na igualdade de direito para todas as pessoas.

pessoas com deficiência na escola? Como estes estudos estão sendo desenvolvidos no Brasil?

Para caminhar com o processo de investigação definimos como **Objetivo geral**: Analisar os dados e estudos das teses e dissertações brasileiras sobre sexualidade e deficiência. E como **objetivos Específicos** para nortear nosso processo metodológico:

- mapear artigos científicos das produções sobre sexualidade, deficiência e formação docente no Brasil;
- compreender as teses e dissertações relacionadas ao tema proposto para pesquisa.
- refletir sobre as situações que envolvam a questão da sexualidade e deficiência na sua prática docente.

Partimos do pressuposto de que a sexualidade é inerente ao ser humano, estando em relação a qualquer tipo de exteriorização do corpo, que carrega consigo o preconceito da sociedade em que vive e, consequentemente, está presente no ambiente escolar onde as pessoas estão inseridas, uma vez que a escola é um dos espaços sociais.

Em se tratando de Pessoas com deficiência, assim como qualquer outra, não poderia ser diferente, se partimos do reconhecimento que elas, como condição humana, têm, também, a sexualidade como um aspecto inerente, e essa questão e não pode ser negligenciada (COUWENHOVEN, 2007). No entanto, a complexidade desse lugar de direito a uma corporeidade e sexualidade como vida desejante se configura numa relação implicada a uma negação ou invisibilidade que, longe de reconhecer esse lugar, ainda o agrava ao colocar a deficiência enquanto perda de dignidade da pessoa humana.

Para melhor entendimento dividimos a escrita em da seguinte forma, no primeiro capítulo apresentamos o estado da arte: um mapeamento em artigos sobre o tema proposto para pré-fundamentar teoricamente o tema e perceber o que os pesquisadores brasileiros estão produzindo sobre o tema proposto.

No segundo capítulo abordaremos a sexualidade em suas fases históricas e como a manifestação a sexualidade da pessoa com deficiência vem sendo tratada durante sua história.

No terceiro capítulo faremos uma reflexão sobre a prática docente, formação docente e os estudantes com deficiência, dentro desta mesma temática discutindo sobre os tipos de modelo que alteração a visão da sociedade perante as pessoas com deficiência durante o seu processo histórico, o modelo biomédico, o modelo social e o modelo biopsicossocial.

Para deixar claro que nesta dissertação trataremos apenas da sexualidade e suas manifestações e não do debate de gênero pois são discussões distintas e que enveredam por caminhos diferentes.

A dissonância entre gênero e sexualidade é, assim, afirmada a partir de duas diferentes perspectivas: uma pretende demonstrar possibilidades para a sexualidade que não estejam coagidas pelo gênero, de modo a romper a causalidade reducionista de argumentos que os vincula; a outra procura mostrar possibilidades para o gênero que não estejam pré-determinadas por formas da heterossexualidade hegemônica. (Butler, 2014 p.270).

Para alcançar a resolução do problema de pesquisa utilizamos um levantamento bibliográfico das teses e dissertação dentro da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando as palavras chaves citadas anteriormente, na busca foram encontrados 5 (Cinco) arquivos que foram examinados para compor o capítulo da análise de dados.

Para dar conta do objetivo de análise, criamos um capítulo para debater sobre os dados levantados nos documentos buscados através de seções. Na primeira seção apresentaremos a distribuição das pesquisas durante o recorte temporal de dez anos, procurando entender quais os significados destas distribuições e como afeta a pesquisa científica sobre o tema no cenário Brasileiro. Na segunda seção, abordaremos a distribuição nas regiões do país, apontando de forma assertiva onde estão publicados os estudos e porque desta concentração. A terceira seção e última seção apresentaremos as conclusões que as teses e dissertações chegaram.

2 DIALOGANDO COM OS ESTUDOS E SUAS EVIDÊNCIAS DE RELEVÂNCIA AO TEMA – A PARTIR DO ESTADO DA ARTE

Traremos a seguir um debate sobre as produções científicas com artigos publicados, este capítulo teve a função além de fundamentar melhor o tema de fazer um pré-levantamento para justificar a busca da metodologia mais aprofundada.

Atualmente, em pleno século XXI, a temática da sexualidade e as questões referentes à pessoa com deficiência são questões abordadas com cada vez mais frequência e tem ocupado, também, lugar importante nas redes sociais, cinema, novelas e não seria diferente também no ambiente escolar, uma vez que se faz cada vez mais urgente estabelecer a implicação entre as práticas sociais e as práticas escolares.

Historicamente, as questões da sexualidade sofrem a repressão nas suas manifestações e com o corpo tido como deficiente não seria diferente, pois o proibido, bloqueado, escondido ou desconhecido quando se torna explícito estabelece uma desobediência que ultrapassa as barreiras da dimensão do campo da moralidade. pois como diz MouKarzel:

Bastante rica e fecunda, as pesquisas historiográficas existentes sobre o Brasil colonial têm contribuído para uma interpretação sobre a moralidade e costumes sexuais naquele período, revelando, no cotidiano familiar, a assimilação da moral burguesa e dos valores patriarcais como modelos consagrados no contexto urbanizado e as implicações éticas decorrentes da imposição de uma moral diferenciada, classista e discriminadora, de um lado ancorada nos fundamentos do discurso teológico e, de outro, manifesta em rituais e práticas incitadoras da violência incidente, especialmente sobre a população pobre e negra. (MOUKARZEL, 2003, p.70)

Na última década do século XX, é possível destacar, também, as ações que possibilitaram a acessibilidade das pessoas com deficiência a vida em sua dinâmica, inserida nas teias das agendas emblemáticas e desafiadoras para o reconhecimento dignidade da pessoa humana em sua inteireza.

Se olharmos para o cenário mundial e nacional, tendo em vista que existem um bilhão de pessoas com deficiência no mundo e cerca de 45 milhões e 600 mil no Brasil SASSAKI(2003), temos nesses dados o quanto significa pensar um mundo que precisa assegurar os direitos das pessoas com deficiência a uma vida que reconhece sua dimensão desejante, ao mesmo em que afirmamos que não temos processos de estabelecimentos entre educação e sociedade, as práticas vivenciadas

na e pela escola demanda que temas como sexualidade e deficiência sejam retiradas do campo das invisibilidades, da ausência de condições de serem tratadas ainda que respeitando os processos e subjetividades dos próprios profissionais nela envolvidos. Nessa direção, caminhamos trazendo o quanto,

A despeito de tais conquistas, muitas barreiras e mitos continuam presentes tanto no imaginário quanto no cotidiano social acerca da deficiência, ainda concebida sob a ótica da incapacidade, que acredita ao indivíduo que apresenta perda ou alteração de determinada estrutura ou função física e ou cognitiva, atributos de desvantagem e descrédito quanto as possibilidades de autodeterminação e de atendimento as demandas sociais, dificultando seu desenvolvimento e impedindo-o de fazer escolhas para sua vida, principalmente no que diz respeito as manifestações e ou vivências sexuais. (MOUKARZEL, 2003, p.2)

Tendo em vista a implicação destas duas temáticas, ainda se vê na contemporaneidade uma ausência de preparo dos pais e professores de como lidar com o despertar da sexualidade das pessoas com deficiência, muitas vezes negando o direito de expressar ou falar sobre ela. Em relação ao debate desse tema para com os professores Figueiró (2004, p.05) corrobora que “a sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldade, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar”.

No processo histórico de desenvolvimento da educação especial é difícil e árduo, e com o tema da sexualidade não seria diferente, pois é um tema complexo e considerado tabu para a sociedade educacional desde a procura incessante por diminuir o deficiente com nomenclaturas pejorativas, nesse ponto concordamos com Sebastiany, que afirma

Tanto nas produções teóricas, quanto nas práticas pedagógicas são utilizados, na maioria das vezes indistintamente, termos como excepcionais, retardado, deficiente, subdotado, anormal, portador de deficiência mental, portador de necessidades especiais, entre outros. A constante tentativa de substituição dos termos deve-se ao fato de que, esta, seria uma forma de superar a pejoratividade do rótulo. Porém, pensarmos que todo esse processo se torna mera ilusão. (1995, p. 3)

A partir das colocações trazidas na nossa introdução, a revisão integrativa de literatura, nos permitiu obter informações de vários artigos para analisar o assunto abordado. Para organizar nosso diálogo com os estudos realizados organizamos essa parte da discussão do trabalho a partir de pontos como: 1) Escolha do tema de estudo;

2) Realização do levantamento bibliográfico; 3) Organizar os dados em quadros; 4) Interpretar os dados obtidos; 5) Apresentar e divulgar no projeto em questão.

Na primeira etapa partiu-se do seguinte problema de pesquisa: como a sexualidade de estudantes com deficiência é tratada pelos professores, segundo o que tem sido publicado em revistas nacionais.

Na segunda etapa, o levantamento bibliográfico foi realizado na plataforma de periódicos da CAPES e na Biblioteca Eletrônica de Acesso Aberto, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). Utilizou-se como descritores para especificar a busca: sexualidade, deficiência e prática docente.

A busca desenvolvida reuniu dois ou três descritores simultaneamente, eles foram combinados ao mesmo tempo da seguinte forma: sexualidade e deficiência; sexualidade e ação docente; sexualidade e prática docente; deficiência e ação docente; deficiência e prática docente.

Os critérios de inclusão e exclusão utilizados para a definição da amostra para este capítulo foram: artigos de revistas nacionais, no período de 2000 até 2020, que abordassem os temas citados acima, considerando as áreas de interesse por deficiência e sexualidade e que fossem textos completos disponíveis *online*, com livre acesso. Optou-se por esse período, pois a grande maioria das pesquisas relevantes no tema são pilares para a fundamentação teórica desta dissertação.

Com a pesquisa bibliográfica tendo acontecido em julho e agosto de 2020, obteve-se uma quantidade inicial para análise. Nos meses subsequentes, fez-se uma leitura balizada pelo título e resumo dos exemplares, seguindo de uma leitura sobrenadante do resumo para escolher os que mais estavam engajados no tema. Depois, foi feita uma leitura mais completa dos artigos selecionados com o intuito de excluir as pesquisas irrelevantes para o estudo. Em seguida, já com o produto adquirido, realizou-se uma leitura com o objetivo de analisar os dados para tabulá-los.

O próximo passo seguiu com a utilização de quadros com uma tabulação a fim de não perder nenhuma informação. Assim a amostra final foi organizada em ordem da captação do artigo. O documento contém o ano, autor, título, periódico, tipo da pesquisa, método de aplicação e relação com o conteúdo temático.

Diante disso seguiu-se com a interpretação dos dados e na apresentação dos resultados, as informações dos artigos, que se apresentavam mais relevantes para a pesquisa, fora exposta descritivamente. Os dados foram organizados em quadros simples e assertivas para melhorar o entendimento dos leitores.

Entretanto, faz-se necessário relatar que a escolha de usar apenas artigos online disponíveis pode excluir alguns trabalhos de grande importância para o tema, porém, julga-se necessário a universalização do conhecimento proposto tirando das mãos de apenas alguns estudiosos privilegiados pela sociedade dentro da comunidade acadêmica.

Foram encontrados na base de dados SciELO 34 (11%) artigos e na plataforma de periódicos da CAPES 266 (89%). A busca nos bancos de dados, considerando todas as combinações as palavras-chave, localizou-se 300 artigos. Após a leitura do título, resumo e texto na íntegra, foram excluídos 290 (96%) artigos que não contemplaram o tema da pesquisa (Quadro 1). Assim, foram escolhidos para a amostra final desta fase 10 (4%) artigos (Quadro 2 e 3).

Quadro 1- Distribuição dos artigos localizados, excluídos e selecionados pelas bases de dados Brasil

| Base de dados | Localizados | Excluídos | Selecionados |
|---------------|-------------|------------|----------------|
| SciELO | 34 | 32 | 2 (1%) |
| CAPES | 266 | 258 | 8 (3%) |
| Total | 300 | 290 | 10 (4%) |

Fonte: O Autor, 2020

*Dados numéricos em porcentagem arredondados

Quadro 2- Estudos selecionados com ano de publicação, título e periódicos 2000 a 2020

| Nº | Ano | Título | Periódico |
|----|------|---|--|
| 1 | 2019 | Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência | Revista Estudos Feministas |
| 2 | 2018 | A sexualidade da pessoa com deficiência nas capas da Revista Sentidos: inclusão ou perpetuação do estigma? | Fractal: Revista de Psicologia |
| 3 | 2017 | Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. | Horizontes Antropológicos |
| 4 | 2015 | Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual. | Estudos de Psicologia (Campinas) |
| 5 | 2012 | Sexualidade e deficiência intelectual: narrativas de pais de adolescentes. | Physis: Revista de Saúde Coletiva |
| 6 | 2018 | Sexualidade e a Pessoa com Deficiência Intelectual: Proposição do Tema nas Escolas. | Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade |

| | | | |
|----|------|--|---|
| 7 | 2014 | Sexualidade e deficiência intelectual: concepções, vivências e o papel da educação. | Revista Tempos e Espaços em Educação |
| 8 | 2017 | Concepções de professores sobre a sexualidade de alunos e a sua formação em educação inclusiva | Revista Educação Especial |
| 9 | 2010 | Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências | Revista brasileira de educação especial |
| 10 | 2007 | Educação sexual de pessoas com deficiência mental. | Revista Educação Especial |

Fonte: O Autor, 2020

Para melhor compreensão da discussão abaixo, a Quadro 3 mostra um resumo dos artigos selecionados segundo a ordem numérica existente no quadro 1.

Quadro 3- Sistema de síntese crítica dos artigos selecionados 2000 a 2020

| Nº | Síntese |
|----|---|
| 1 | O artigo faz uma revisão de literatura internacional na CAPES sobre gênero e deficiência, chega-se à conclusão que a deficiência tem efeitos morais e políticos tendo assim grande potencial nas discussões sociais. |
| 2 | Foi feito uma análise documental nas fotografias da Revista Sentidos, avaliou as tensões e sobreposições nas imagens e nas manifestações de sexualidade de pessoas com deficiência. |
| 3 | Foi feita uma análise da narrativa de atletas com deficiência sobre os aspectos antropológicos que sofriam durante as competições refletindo sobre a alteridade dentro do esporte inclusivo. |
| 4 | Utilizou-se um questionário quanti-quali para analisar a opinião dos professores sobre as manifestações da sexualidade em alunos com deficiência intelectual e foi apurado que os professores ainda não estão prontos para lidar com essas manifestações e que precisam de formação continuada. |
| 5 | Artigo baseado em narrativas de 14 pais sobre a manifestação da sexualidade de adolescentes com deficiência, o artigo mostra o desconhecimento dessas manifestações pelos familiares. |
| 6 | Através de uma oficina de jogos utilizando o tema da sexualidade foram analisados estudantes com deficiência e professores. Chegando à conclusão que ainda são infantilizados ou tem o seu aspecto sexual negligenciado na escola. |
| 7 | Forma entrevistados 13 alunos que demonstraram conhecimento sobre o ato sexual, mas não sobre os cuidados que deveriam ter para prevenção demonstrando exposição a situações de risco. |
| 8 | Levantamento bibliográfico sobre a ação do professor na educação sexual de estudantes deficientes. Todos os professores acham importantes, mas |

| | |
|----|--|
| | não enxergam a possibilidades de eles ensinarem na sala de aula, por isso a importância da formação continuada nas escolas |
| 9 | Este texto aborda a presença de ideias preconceituosas sobre a sexualidade de pessoas com deficiência discorrendo, de modo crítico e reflexivo, sobre diversos mitos |
| 10 | Foram levantados dados sobre os artigos publicados nos mais variados periódicos e chegou-se à conclusão de que a sexualidade ainda é um tabu entre as pessoas com deficiência. |

Fonte: O Autor, 2020

Os resultados da análise mostram que as publicações predominam Sul e Sudeste, a pesquisa não houve artigos que contemplassem as outras regiões do Brasil.

Sobre as metodologias utilizadas constatou-se que 3 (25%) utilizaram apenas levantamento bibliográfico, 1 (8%) aplicou a análise documental, 3 (25%) lidou com uma análise narrativa, 3 (25%) aplicaram um questionário quanti-quali e 2 (17%) recorreram a intervenção através de oficinas pedagógicas.

Destaca-se que 4 (34%) aplicam as metodologias nos estudantes com deficiências, 4 (34%) empregou as atividades com pais e professores e o restante foi análise documental.

Os referenciais teóricos mais utilizados foram Ana Cláudia Bortolozzi Maia com 4 (34%) artigos e Rosimerie Garland Thomson com 4 (34%) artigos. Os demais utilizaram outro referencial teórico ou não citaram.

Tendo em vista o resultado obtido na análise da literatura sobre o tema percebemos que poucos artigos discutem sobre a visão do professor perante a manifestação sexual de alunos com deficiência. Além disso, esses alunos demonstraram, na grande maioria dos dados, o desconhecimento do seu corpo, ficando exposto a situações de risco, como corrobora Chagas (2018) e Gomes (2019), ao escrever sobre os conceitos de sexualidade e o quanto ainda tomam um lugar superficial ou limitado. Reflexões que nos conduz a compreender o quanto

O modelo biomédico tem influenciado fortemente as práticas relacionadas à deficiência. O conhecimento científico e os padrões de normalidade compõem os fundamentos desse modelo e constituem a noção do que se entende por deficiência, que se resume às lesões e aos impedimentos físicos, sensoriais e intelectuais, entendidos como anormalidades, como o resultado das disfunções em alguma parte do corpo. (GOMES, 2019, p.2)

Nesse movimento, o levantamento que foi sendo tecido nesse momento do estudo, também identificou que dentro do círculo dos alunos com deficiência o tema da sexualidade ainda é pouco falado pelos pais por isso essa temática se torna tabu, não cabendo definir pensamentos limitantes e afirmar que a culpa é dos pais ou da escola, pois os mesmos infantilizam o corpo deficiente por vezes frente a dificuldade que carrega e do preconceito reforçado pela sociedade em que vivem, ou desconhecem essa manifestação como afirma Bastos (2012) quando diz que os pais desconhecem as expressões sexuais suas e dos seus próprios filhos

Entende-se que novos métodos e intervenções são um desafio, pois exigem do professor novas estratégias pedagógicas que possibilitem a intervenção, por isso é importante conhecer a opinião desses profissionais para poder levantar novos procedimentos de intervenção. A investigação de concepções, atitudes e práticas torna-se relevante, pois é compromisso de uma escola inclusiva promover mudanças em relação às atitudes discriminatórias (CAPELLINI, 2009). Remete-nos a Declaração Universal dos Direitos Humanos (2015), ao afirmar que:

A educação especial brasileira, nesta última década, tem pautado suas ações em pressupostos e valores democráticos que buscam o reconhecimento e a promoção da cidadania plena da pessoa com deficiência, reafirmando o princípio incontestável de que “*todos têm direito à educação*”, de acordo com o artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (BRASIL, 2015, p.17).

Notou-se que muitos artigos não continham a opinião sobre a ação ou prática docente perante a situação exposta acima e nem do referencial teórico. Daí a importância de fundamentar a prática do professor a partir da manifestação da sexualidade de alunos com deficiência. Por este motivo foi visto a necessidade de aprofundar o tema com uma metodologia voltada para análise das teses e dissertações sobre o conteúdo estudado com a finalidade de analisar se nas pós-graduações do Brasil este tema está sendo mais estudado, assim como onde eles estão sendo desenvolvidos.

3 SEXUALIDADE E A RELAÇÃO COM A MANIFESTAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

A perspectiva deste capítulo tem como objetivo levantar um apanhado dos históricos sobre a sexualidade e elencar as relações com as pessoas com deficiência, lembrando que a sexualidade como a vemos, é uma manifestação desenhada pelo ocidente, mas isso não quer dizer que outras culturas não possam se introduzir neste conceito até mesmo se apropriar das noções e manifestações. A sexualidade compreendida como inerente à existência é dialeticamente construída em acordo com o momento histórico-sociocultural de cada sociedade e se desvela no mundo vivido de cada sujeito no decorrer de sua vivência, inclusive educacional, sendo a escola e a universidade, inevitavelmente, ambientes também permeados pela sexualidade (ZERBINATI, 2017)

Em relação ao histórico do termo usaremos aqui neste capítulo duas vertentes, o caminho religioso e o caminho médico. Dentro o padrão religioso a sexualidade inicialmente foi vista como um pecado inicial e condenação de todos para fora do paraíso, como declara Bourdieu:

Ao colocar a origem do mal na sexualidade, ou seja, “sexualizar” o pecado original, Santo Agostinho deixou seu maior legado à moral cristã: a concupiscência foi o pecado original; o homem é fruto do pecado. Esta concepção fez do mundo algo entravado pelas exigências do corpo que impediam a ascese da alma; o ser humano tornou-se fragilizado e culpabilizado pelo desejo, o que levou a uma exaltação sem precedentes da virgindade. Mais ainda, a visão sexualizada do pecado original faz do homem uma vítima indefesa de uma mulher inescrupulosa e sem princípios que o seduz, levando-o a pecar; pecado este que é sempre sexual. (BOURDIEU, 2002, p.31).

Já na ordem médica traremos Foucault como principal teórico norteando um dos textos basilares para a conceituação, o grupo de livros intitulado “A história da sexualidade” que por através de quatro volumes nos faz refletir sobre as manifestações históricas da voluptuosidade.

Na história da sexualidade, o ato sexual em si nunca foi importante, na idade média o ato do desejo e da vontade explícita em obter o prazer da forma que convém faz-se um debate no ser sobre a conveniência do desejo, como corrobora Foucault, “[...] ser livre em relação aos prazeres é não estar a seu serviço, é não ser seu escravo.” (FOUCAULT, 2003, p.74).

Outro marco histórico importante é a idade média dominada pelo cristianismo, foi nesta época que as pessoas com deficiência eram tidas como seres possuídos pelo demônio, pois não tinham a estética próxima da de Deus, este fato sombrio carrega consigo o desenvolvimento e mudança de pensamento quando se fala na sexualidade humana. De Assis trás no seu artigo um enxerto muito interessante sobre este fato:

A partir dos meandros da Idade Média, com a instauração da problemática da carne e após o Concílio de Trento, o sacramento da confissão intensifica-se e com ele surge a polícia da língua. A carne passa a ser a origem de todos os pecados e o desejo um mal que atinge todos os homens. O séc. XVII faz emergir uma constrição geral no ocidente moderno, a tarefa de dizer, de forma infinita, a si e aos outros tudo o que possa estar relacionado com o jogo dos prazeres, mas agora, pelo crivo do dispositivo de sexualidade, complexa rede que congrega saber e poder, erigida pela burguesia em ascensão. Por intermédio do dispositivo de sexualidade, a burguesia assume um corpo e uma sexualidade próprios, afirmando sua diferença e sua hegemonia no séc. XIX. Neste momento podemos verificar um paradoxo: uma intensa repressão e ao mesmo tempo, uma grande obstinação em fazer falar o sexo. Para elucidar os fatores em jogo nesta trama, seria preciso não se limitar à hipótese da repressão da sexualidade, recolocando-a em uma economia geral dos discursos. (DE ASSIS, 2009, p. 05).

Com o despertar do desejo e das regras morais que nortearam a época, a sexualidade passou a ser tomada como possível doença que necessitava de cura, assim como o modelo biomédico trata tudo que está fora do padrão biológico do corpo, como discutiremos no próximo capítulo. Ainda imergidos na ideia de Foucault, a burguesia tem um poder grande quando se fala na estruturação da sexualidade enquanto manifestação.

A sexualidade burguesa, comparada às demais é marcada pela repressão intensa, apresentando-se como modelo para todas as camadas sociais. A sexualidade passa a ser vista como a chave para a compreensão da individualidade, ou melhor, o que constitui a própria individualidade. A partir do séc. XIX, o dispositivo de sexualidade vai fixando-se na forma da família, lugar obrigatório do afeto e dos sentimentos de amor. A célula familiar recebe uma intensificação na sua valorização, desde o séc. XVII, em duas direções: o eixo pais e filhos e o eixo marido-mulher. Emerge toda uma teorização médica em torno do corpo feminino, da precocidade da sexualidade infantil, da regulação dos nascimentos e da especificação dos atos perversos. Portanto, o papel da família é o de fixar a sexualidade e, ao fixá-la, constituir o seu suporte permanente. (FOUCAULT, 2003, p.123).

Depois da revolução dos textos e das informações trazidas nesta época, a sexualidade passar a ser uma manifestação política e pública não cedendo mais espaço ao pensamento cristão ou médico. “A partir deste distanciamento, o controle

da sexualidade não mais tem o alicerce posto exclusivamente na educação da base cristã, cedendo espaço à lógica da administração pública" (NUNES, 1996, p.106).

Neste caminho, o estado começa a gerir as manifestações do sujeito regulando através de dispositivos de poder, e quando se fala da pessoa com deficiência, a sua manifestação fica oculta da mesma forma da idade média, o corpo continua sendo assexuado e desprovido de desejo aos olhos dos familiares e da sociedade. "O imaginário social que envolve o jovem deficiente contribui para uma visão estigmatizante e limitante pautada em valores, crenças e expectativas sociais que traduzem o portador de deficiência como um incapaz, frágil e vulnerável" (SOARES, 2008, p.186).

Estas reflexões nos fazem estruturar que a sexualidade é um componente de formação do ser enquanto corpo vivente, que deseja, que sente, que emana e que manifesta suas expressões. A organização mundial da saúde definiu sexualidade em 1975 que trás esta visão formadora:

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada. É uma necessidade básica em um ato do ser humano que não pode se separar dos outros aspectos da vida. [...]. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato a intimidade de se expressar na forma de sentir, na forma de as pessoas se tocarem. Influenciam pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico. (ITO, 1980, p. 38).

Ao se referir a sexualidade do estudante com deficiência precisa ser entendido como um ato formador do ser enquanto cidadão, implica em deixar o ser humano estabelecer conexões no contexto social trazendo consigo a dignidade de existir, sabendo que a sexualidade vai muito além do termo, é uma etapa de desenvolvimento do ser humano. De Oliveira (2020, p.109), afirmam que "o desenvolvimento da sexualidade é uma etapa fundamental no desenvolvimento do ser humano".

Nunes afirma que:

O tema sexualidade ainda é permeado de incertezas, pois, a educação sexual, seja ela formal ou informal, não oferece elementos que nutram as expectativas dos jovens em relação a este universo, pelo contrário, é tratada, apenas em seus aspectos biológicos, fisiológicos, acrescentando a este tema sua função reprodutiva que congrega homens, animais, plantas e todos os seres vivos. (NUNES, 2005, p.17).

Esta fala de despreparo fica mais evidenciada quando levamos para o ambiente escolar e na prática docente, onde os profissionais que fazem a educação não estão preparados para lidar com as questões da manifestação da sexualidade das pessoas com deficiência como corrobora Prioste, “No que concerne ao trabalho de orientação sexual na escola, o sentimento do professor é semelhante ao que se experimenta frente à educação inclusiva: sente-se despreparado” (PRIOSTE, 2010, p.16). Quando a escola lida de forma construtiva com as manifestações sexuais dos estudantes, essa postura pode sinalizar que a escola se encontra preparada para lidar com situações mais complexas que possam surgir nesse cenário (BISPO, 2017).

Quando falamos em educação inclusiva e as manifestações da sexualidade de pessoas com deficiência, nós temos o embasamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2000) que preconiza que a sexualidade e as questões sexuais estão referidas dentro do processo de educação, embora seja apenas vivenciada no meio individual sua manifestação pode ser externalizada em público e está intrínseca ao ser humano saber lidar com esta demonstração.

Dentre os temas transversais a serem tratados no Ensino Fundamental. Os temas transversais propostos pelo MEC apresentam um compromisso com a construção da cidadania, liberdade e autonomia, a prática de princípios éticos –respeito, solidariedade e responsabilidade, uso construtivo da cidadania, direitos e deveres do cidadão. Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que a escola deva informar discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, preenchendo lacunas nas informações que o estudante já possui, ao propiciar e desenvolver atitudes coerentes com seus valores. (BRASIL, 2000, p. 35).

Quando abordamos a sexualidade durante a prática docente estamos não só trazendo ganho aos estudantes se apropriando do conhecimento científico, mas também alcançando a totalidade do ser enquanto formação integral do estudante com deficiência por meio do debate e quebra dos tabus impostos pela sociedade em que vivem. E para ressignificar este conceito precisa-se abordar a sexualidade enquanto desenvolvimento histórico, político, social, cultural e analisar os seus preconceitos. “É relevante e fundamental o papel do docente na construção do conhecimento e na condução do processo que possibilita ao aluno autonomia de eleger seus valores, com posição e ampliação do seu universo de conhecimento” (DA SILVA CHARLOT, 2021). Como corrobora Maistro ao dialogar sobre o início da sexualidade na vida humana:

É importante saber que a sexualidade não surge na adolescência. O desenvolvimento da sexualidade está vinculado ao desenvolvimento integral do indivíduo, sendo considerado um elemento constitutivo da personalidade. [...] sua manifestação transcende sua base biológica, estando predominantemente demarcada por valores sociais. Esse desenvolvimento se inicia na infância, mas é na adolescência que se operam mudanças físicas e psicosociais destinadas a dar à vida sexual infantil sua forma. (MAISTRO, 2009, p.15).

Levando em consideração o processo de ensino aprendizagem a escola é um ambiente propício para a construção do conhecimento e da fundamentação de conceitos que nortearam o indivíduo para sua vida em sociedade. Maia e Ribeiro (2010) afirmam que no ambiente escolar existe uma contradição, pois os professores não se sentem capazes de ministrar o conteúdo de sexualidade em sala de aula. Com este pensamento podemos deduzir que se os professores não se sentem preparados para ministrar o conteúdo em sala de aula, como fica a questão de falar sobre as manifestações da sexualidade de estudantes com deficiência?

Mesmo entendendo a importância de se falar sobre sexualidade no ambiente escolar, ela se torna difícil e inoportuna para os professores que tentam abordar este tema transversal pois frequentemente sofre-se ataques de todas as mais variadas instituições e agentes políticos. “A educação sexual na atualidade corre risco de extinção ao ser constantemente ataca por movimentos populares e políticos conservadores que compreendem a educação sexual como desnecessária, moralmente inaceitável, desconsiderando sua categoria científica” (ZERBINATI, 2017, p.77).

4 PRÁTICA DOCENTE INCLUSIVA E O MODELO BIOMÉDICO, SOCIAL E BIOPSSICOSOCIAL

Na contemporaneidade, uma das grandes dificuldades de a escola incluir todos os alunos nas atividades acadêmicas propostas pela matriz curricular, a educação inclusiva é destinada para todos os alunos como corrobora Aguiar:

Pode-se mesmo dizer, que há múltiplos aspectos a serem considerados para a implementação de uma escola inclusiva. Dentre esses estão o oferecimento de cursos de reciclagem para capacitação de docentes; a importância da existência de um corpo técnico especializado (composto por psicólogo, fonoaudiólogo e psicopedagogo); o apoio da família do aluno com necessidades especiais; o número de alunos na classe; a eliminação de barreiras arquitetônicas; a revisão pela sociedade civil da concepção sobre a pessoa com necessidades especiais; o apoio da sociedade política; a destinação de verbas; a adequação de currículos, metodologias de ensino, recursos didáticos e materiais e sistemas de avaliação. (AGUIAR, 2005, p. 2).

A declaração acima é citada em vários documentos oficiais desde a Declaração de Salamanca que traz uma política de justiça social, fazendo com que a escola se ajuste a todas as crianças, sendo elas com ou sem deficiência, diminuição linguística, desfavorecidas socialmente e marginais (RODRIGUES, 2012). O documento informa sobre a educação inclusiva e o desenvolvimento sustentável da educação inclusiva, incluindo objetivos e metas que completem a agenda para 2030. Tendo em vista que uma educação de qualidade não pode ser apenas direcionada para alunos sem deficiência, a educação de qualidade é um direito de todos, independentemente de qualquer condição que torne o atendimento individualizado. A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, conhecida como a Lei Brasileira de Inclusão trás a seguinte informação quando se fala sobre responsabilidade:

É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico (BRASIL, 2015, p.17).

A educação inclusiva vem em contraponto a uma manifestação de modelo que trata o estudante com deficiência como sendo um ser patológico e que ele tem que passar por um processo de cura antes de começar a ser incluído nos processos educacionais, mas para entender esta junção precisaremos fazer um apanhado histórico sobre os modelos. O modelo biomédico vem sendo desenhado e estruturado desde o século XIX quando Michel Foucault (2011) faz uma análise estrutural investigando a produção do conhecimento da medicina da época. “O fato médico ter se aproximado da doença trouxe a utilização de outros órgãos dos sentidos como a visão, o tato, e a audição e de toda forma de semiologia armada” (FOUCAULT, 2011).

Nesta mesma época uma mudança norteia a medicina, ela se torna mais voltada para os sintomas, onde as doenças são tidas como fáceis de decifrar e nesta fase a medicina alcança sua soberania, e é exatamente neste momento, em que o poder do médico cresce exponencialmente, que a saúde substitui a salvação da alma, este modelo inicialmente criado se fundamenta em cima de preceitos mecanicistas, “na filosofia o mecanicismo é defendido pelo deísmo , que sustenta que o universo é um mecanismo, no campo da biologia, mecanicismo afirma que tudo que ocorre no ser vivo está determinado” (COSTA, 2007, p. 36). O poder médico alcançado neste período estende-se aos dias atuais e ocupa-se do orgânico devido a essa tradição secular, sendo limitado á prática cotidiana para lidar com o ser biopsicossocial. “Pois ao lidar com o ser biopsicossocial, a medicina moderna não encontra o terreno anátomo e fisiopatológico a que foi exercitado a descobrir” (FLORA, 2006).

Com esta importância ao modelo biomédico precisamos lembrar que o delineamento da saúde foge da conceituação e atuação quando se fala em educação e que este modelo não mais serve para o delineamento metodológico e prático da educação inclusiva. A partir do modelo biopsicossocial fica claro a importância da escuta a pessoa com deficiência para algum processo de tomada de decisão, esta perspectiva esta baseada no fato da educação inclusiva ainda precisa combater barreiras dentro do ambiente escolar para poder fazer com que todos os estudantes participem das atividades. A diversidade de características, necessidades e possibilidades de desenvolvimento da população em idade escolar representa, ao mesmo tempo, uma grande riqueza para a escola (OMOTE, 2006).

O modelo biomédico tem a concepção que o ser humano é dividido em partes e que estas partes tenham funções específicas, além, de terem que estar funcionando de forma perfeita, por isso é conhecido como método mecanicista ou tecnicista. Trata-se de um modelo essencialmente individualista, para o qual a deficiência é entendida como pertencente ao indivíduo que a “porta”, considerado um ser passivo frente aos processos de saúde-doença e à participação na sociedade (ENGEL, 1977). Trazendo com este modelo a segregação para o ambiente escolar e colocando o processo pedagógico em segundo plano, dando ênfase a cura do estudante com deficiência mesmo no ambiente escolar, como proclama Costa:

Alunos com NEE [decorrente da presença de AFEC] foram segregados por meio de práticas homogeneizadoras construídas e delimitadas a partir de um padrão de normalidade referenciado pelo princípio da individualidade e da competitividade. Foram ignorados pelo poder público e deixados à mercê da solidariedade das instituições filantrópicas ou dos serviços das escolas privadas de Educação Especial. (COSTA *et al.* 2011)

Na lógica de que somos todos iguais, a escola está cheia de exemplos do modelo biomédico, como a forma restrita de atendimento em dois públicos, os estudantes com deficiência ficam em um local e os alunos sem deficiência ficam em outro no sentido de isolar a patologia para não espalhar o contágio, como anuncia Prychodco:

Seguindo esta orientação a escola foi se organizando em dois sub-sistemas: um para os alunos que respondiam a métodos padronizados de ensino (escola regular), outro, dirigido aos alunos caracterizados pela presença de deficiências, no sentido estritamente biomédico, cuja função estava voltada para a reabilitação da saúde e aquisição de habilidades funcionais ligadas à execução das Atividades de Vida Diárias (AVDs), o que marcou, em termos de educação, o paradigma da Exclusão. (PRYCHODCO, 2020, p. 23).

Em 1962, temos um marco histórico de rompimento do modelo biomédico, onde pessoas com deficiência levantam vários movimentos sociais para reforçar e garantir os direitos das pessoas com deficiência o direito de frequentar espaços sociais, escolas e universidades. Rompendo com isso o início do desmantelamento do modelo biomédico e fundamentação do modelo social. Esta situação representou uma reputação no modelo biomédico, uma vez que a responsabilidade pelas adequações necessárias ao atendimento de todos passou a ser da sociedade e não mais atribuída exclusivamente ao médico. (AMARAL, 2011)

Desta forma emerge o modelo social, que é amplamente utilizado nos textos científicos quando o tema é educação inclusiva, mas este modelo ainda carrega a vontade da reabilitação em saúde, uma das características marcantes do modelo biomédico como reitera Sasaki quando diz: estes foram os argumentos que fundamentaram a emergência do Modelo Social, no que diz respeito à Educação, referido modelo impulsionou perspectivas ligadas ao paradigma da Integração, porém ainda condicionadas à busca por reabilitação em saúde (SASSAKI, 2009).

O modelo social tem como principal característica o fato de não usar apenas o indivíduo como um ser biológico, e sim que a sociedade também tem responsabilidade pelo ambiente de inclusão, não sendo apenas a escola este local.

O materialismo histórico-dialético, apoiado nas teorias de Marx e Hegel, comprometido com a classe trabalhadora, desenvolve uma ciência na qual o objeto de estudo é o Ser Social, materialismo histórico significa construir a história a partir do objeto de pesquisa, já dialética, pressupõe a definição do movimento que se dá na história, construída a partir das contradições, por exemplo, riqueza e a pobreza (GUARESCHI, 1991).

Tirando o foco apenas do indivíduo como um ser em desvantagem e passando a conectar o mesmo as alterações necessárias que a sociedade tem que transpassar para incluir todos nas demais atividades do cotidiano. Diniz pontua que: entre o Modelo Social e o Modelo Biomédico há uma ligação de causalidade da deficiência: para o Modelo Social, a causa da deficiência está na estrutura social, para o Modelo Biomédico, no indivíduo (DINIS, 2003).

Logo após a segunda guerra mundial percebeu-se a necessidade abrupta de um novo modelo para nortear o atendimento tanto na saúde como nas escolas para deixar este movimento reabilitatório para trás juntando-se a visão da medicina com a visão educacional separando em duas grandes vertentes utilizadas até hoje. No cenário mundial ganham ênfase a educação e a prática médica, surgindo duas novas abordagens nesta área, a medicina baseada em evidências e a aprendizagem baseada em problemas (NEDY et al., 2005).

O Modelo Biopsicossocial, também conhecido como Sistêmico, Biossociable de Direitos nasceu da junção entre as contribuições dos Modelos Biomédico e Sociale da necessidade de considerar, para além das influências dos aspectos individuais edo meio social, todos os fatores condicionantes da saúde, como a educação, nível socioeconômico e moradia, dentre outros, privilegiando uma visão integral do sujeito nas diversas dimensões: física, psicológica e social, impulsionando discussões em torno do trabalho interdisciplinar entre

diversos setores como Educação, Saúde, Assistência Social, Proteção Civil, dentre outros. (PUTTINI,2010, p.58)

Para este modelo, as características anteriores se mantêm, todavia o de considerar o ser humano como um modelo holístico com direitos ao acesso a sociedade e a participação dela, não ficando ligado apenas a limitação de um sistema corporal.

Com estas evidências achamos uma similaridade do modelo biopsicossocial com a prática docente inclusiva, uma vez que esta prática busca durante a ação docente incluir todos os estudantes durante o processo de ensino-aprendizagem, contudo esta prática exige uma formação mais completa da parte do profissional que a exerce como pontua Marcotti:

A preparação dos professores vem sendo mudada nos currículos das universidades, mas temos que entender que só a teoria não te diz como dar aulas ou resolver problemas e sim a teoria com a experiência poderá dar um subsídio maior para professor enfrentar essa pedagogia das diferenças e não a da inclusão. Também um professor só com práticas e nenhum subsídio teórico para se apoiar, não consegue abranger a todos (MARCOTTI, 2017).

O modelo biopsicossocial nasce com a necessidade de incluir todas os estudantes na prática da ação docente sem ver o mesmo como um ser que precisa de cura ou que necessita de uma reabilitação, quando Engel (1977) criou este modelo, o mesmo, pensou em traçar uma forma sistêmica, contextualizada e multidimensional considerando o indivíduo de acordo com suas várias manifestações, levando em consideração os outros dois modelos mais a junção de um aspecto em especial, os fenômenos psicológicos no desenvolvimento do estudante e a interação com o meio em que vive.

A literatura pesquisada nos mostra a presença de três modelos que são estudados a cerca do estudante com deficiência:

- 1- Modelo Biomédico, também conhecido como Individual, Clínico e Médico;
- 2- Modelo Social e 3- Modelo Biopsicossocial também conhecido como: Sistêmico. Os três modelos podem ainda apresentar desdobramentos, conforme a realidade em que se situam e a necessidade de compreensão que é colocada, nesse sentido, é possível citar o Modelo Caritativo como um desdobramento do Modelo Biomédico e os Modelos Biosocial e de Direitos como decorrentes do Modelo Biopsicossocial. (PRYCHODCO, 2020, p.27).

Tendo em vista que os três modelos ainda imperam sobre a intervenção dos professores nas escolas não houve a necessidade de se apontar marcos históricos

da sua fundação e sim elencar as características principais de cada um e como eles actuaram no processo de formatação da prática docente do professor na contemporaneidade. Se na mesma direção da Declaração de Salamanca delimitando uma forma de inclusão estendida para todos os estudantes.

A escola regular deve ajustar-se a todas as crianças independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras, isto é, crianças com deficiência ou sobredotadas, crianças de rua ou crianças que trabalham, crianças de populações imigradas ou nômades, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais (BRIZOLLA, 2000).

Deste modo a prática docente a visa atender todos os estudantes que tenham algum tipo de dificuldade ou desvantagem em relação ao processo de ensino/aprendizagem, mas enquanto escola inclusiva ainda temos um longo caminho pela frente para estabelecer a igualdade e o direito a educação para todos.

Neste sentido e tendo em vista a necessidade de um debate teórica mais aprofundado sobre o tema proposto, passaremos a explanar a metodologia da análise bibliográfica para elucidar as manifestações da sexualidade de estudantes com deficiência e como este panorama segue sendo estudado pelo nosso país.

5 METODOLOGIA

Para melhor entendimento da discussão da nossa metodologia, dividimos após a busca em seções distintas, na primeira discutiremos sobre as regiões do Brasil e formação dos autores, na segunda abordaremos os tipos de pesquisa e na última dissertaremos sobre as conclusões e os resultados das teses e dissertações.

“Realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadoras de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das instituições e dos governos que subsidiam a ciência” (GALVÃO, 2010, p.02)

O método usado na pesquisa foi o levantamento bibliográfico, no qual pode ser determinado como “sistemático, analítico e crítico sobre o tema proposto” (TEIXEIRA, 2008, p.60). A importância da escolha do método esta enquanto reflexão das tendências, visões e práticas no tema proposto no trabalho que poderá guiar as pesquisas futuras sendo usada como base de pesquisas. Para o andamento da pesquisa, o método de levantamento bibliográfico apresentou-se como o mais adequado às necessidades do estudo tanto na sua gênese quanto na sua contextualização:

o estudo bibliométrico busca identificar o que foi produzido de conhecimento pela comunidade científica sobre esse tema e, ao mesmo tempo, avaliar as principais tendências da pesquisa sobre ele. Parte do princípio de que, ao iniciar-se uma nova pesquisa acadêmica, tudo o que está sendo discutido, publicado e gerado de conhecimento nessa linha de pesquisa deve ser mapeado para a construção do conhecimento a ela relacionado. (TREINTA, 2014, p.511).

Para a busca das teses e dissertações foi usado o banco de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) que é um programa ofertado pelo Instituto Brasileiro de Informações, Ciência e tecnologia (IBICT). Este programa teve seu início oficial em 2006. Segundo dados historiográficos disponíveis no próprio portal possui um acervo de mais de 721.346 trabalhos incluindo teses e dissertações de mais de 127 instituições de ensino superior pelo Brasil.

O termo de busca utilizado no levantamento das teses e dissertações foram selecionados em razão ao tema principal da pesquisa afim de delimitar a busca. Desta forma, os termos utilizados foram “Sexualidade”, “Deficiência” e “Formação de professores” associados ao booleando “AND” para afunilar e especificar a pesquisa dos dados.

A determinação do período como recorte para a pesquisa compreendeu de 2011 a 2021 devido a significativas alterações nos conceitos relacionados ao tema durante os dez anos propostos. Em relação as categorias, foram divididas em 03 (três): cronologia, por região do país, por distribuição de Instituições de Ensino (IES), por programas de pós-graduação, tipos de pesquisa, sujeitos envolvidos e conclusão do trabalho.

A integração das teses e dissertações neste trabalho baseou-se em três critérios de inclusão: ter como objeto de pesquisa a manifestação da sexualidade de pessoas com deficiência; ter sido publicado na base de dados de 2011 a 2021; e estar disponível *online* para visualização do material completo. O critério de exclusão baseia-se na inexistência dos critérios de inclusão.

Para coleta, mapeamento e organização dos dados foi desenvolvido uma tabela no formato *Excel* com os itens relacionados: palavra-chave, título da pesquisa, pesquisador responsável, formação principal, ano da publicação, em qual revista foi publicada, qual o qualis da revista, tipo da pesquisa, sujeitos da pesquisa e a conclusão. A seleção destes itens se deu pelo fato de atender as necessidades elencadas nas categorias desta dissertação.

A busca pelas teses e dissertações no BDTD foi realizado durante o segundo semestre de 2021. A supracitada busca compreendeu apenas as décadas de 2011 a 2021.

Os trabalhos selecionados na Biblioteca Virtual de Teses e Dissertações para este estudo estão no quadro abaixo:

Quadro 4- Teses e dissertações encontradas na BDTD.

| Palavra-chave | Dissertações | Teses |
|---|--------------|-------|
| Sexualidade AND Deficiência AND Formação de professores | 9 | 2 |

Fonte: O Autor, 2021

Após a leitura dos resumos foram consideradas aptas para a análise da pesquisa 05 (cinco) trabalhos, um estava duplicado e outro cinco falavam ou sobre deficiência ou sexualidade não incluindo os dois termos no mesmo texto. Após esta seleção apontou-se os seguintes trabalhos.

Quadro 5- Número dos trabalhos selecionados, título e nome dos autores.

| Nr | Título | Autor 1 |
|----|---|-------------------------------------|
| 1 | “NÃO DEFICIENTIZE MINHA SEXUALIDADE”: REPENSANDO A SEXUALIDADE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL POR MEIO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS | DENISE MARIA NEPOMUCENO SCHIAVON |
| 2 | ABORDAGEM SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL | SALINE DAIANE FELD |
| 3 | SEXUALIDADE E dando vozes aos DEFICIÊNCIAS: adolescentes por oficinas pedagógicas | FRANCIELY PALIARIN |
| 4 | Sexualidade e deficiência intelectual: uma proposta de criação de material didático- pedagógico para intervenção escolar no município de Araraquara - São Paulo - Brasil | KARIN ELIZABETH KRÜGER |
| 5 | SOB O SÍGNO DA SEREIA: A feminilidade na experiência de mulheres trans deficientes | DRIELLY TEIXEIRA LOPES SILVEIRA |

Fonte: O Autor, 2021

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo trataremos a discussão sobre as teses e dissertações selecionadas na metodologia. Esta análise teve como objetivo compreender os dados e estudos das teses e dissertações tendo em vista mapear e compreender como estes estudos estão sendo desenvolvidos no brasil.

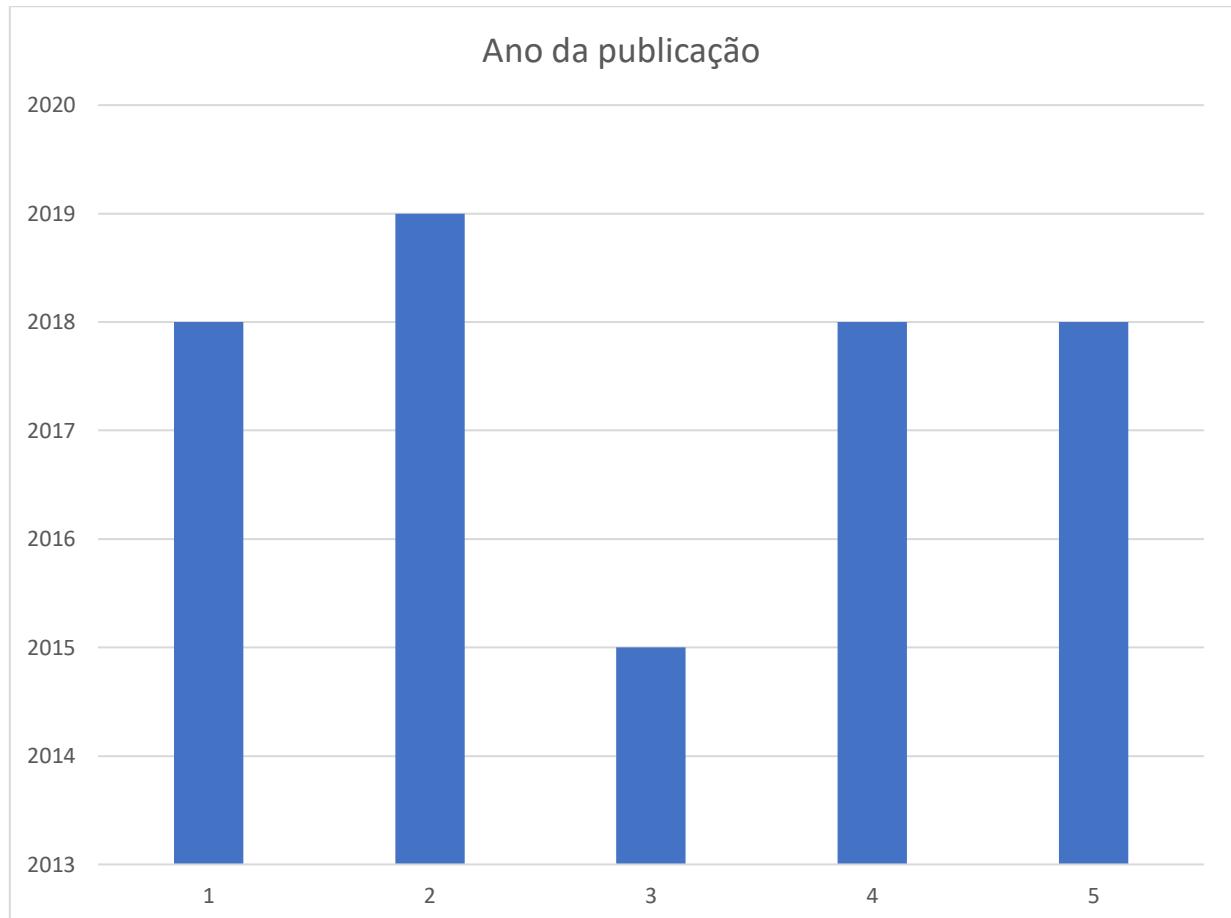
Em relação ao tipo de estudo aqui desenvolvido, este se define como empírico-histórico-dialético. As características empíricas utilizam-se de dados quantitativos para fomentar as características dos documentos selecionados (GANBOA, 2003), enquanto a parte histórico-dialética compreende o processo qualitativo juntamente com o andamento histórico da pesquisa entendendo as relações subjetivas que os dados são inseridos e como os mesmos podem moldar a sociedade que foi pesquisado (CASSANDRE, 2003).

Na primeira seção apresentaremos a distribuição das pesquisas durante o recorte temporal procurando entender quais os significados destas distribuições e como afeta a pesquisa científica sobre o tema no cenário Brasileiro. Na segunda seção, abordaremos a distribuição nas regiões do país, apontando de forma assertiva onde estão publicados os estudos e porque desta concentração. A terceira seção e última seção apresentaremos as conclusões que as teses e dissertações chegaram.

6.1 Distribuição cronológica das teses e dissertações.

Com base nas teses e dissertações, foi possível observar que nos anos de 2015 a 2018 as publicações em teses e dissertações no banco de dados pesquisado apresentou uma ausência de publicações, retornando o maior número no ano de 2018.

Gráfico 1- Distribuição cronológica das teses e dissertações (n=5)



Fonte: O Autor, 2022

É possível observar o motivo da não captação dos trabalhos neste ano de 2015 a 2018, além de conter a indisponibilidades do projetos, alguns deles se encontram protegidos pelas leis de direitos autorais, o que impossibilita o acesso aos textos acadêmicos.

Percebe-se uma gama de produções recentes sobre os temas de inclusão pois desde a promulgação da Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994), seu fundamento começaram a ser mais explorados e a sua relação com o campo da educação teve

uma perspectiva mais social, no qual as crianças com deficiência começará a ter mais destaque e os trabalhos sobre esta temática mais visibilidade.

É neste espaço que podemos debater sobre como ao mesmo tempo que cresce a desigualdade também cresce a banalização do termo inclusão, pois encontramos este termo com conotações políticas nos discursos dos programas de educação, mas os mesmos ainda não são incluídos de forma efetiva como afirma Rodrigues:

Não se sabe bem o que todos estes discursos querem dizer com Inclusão e é legítimo pensar que muitos significados se ocultam por detrás de uma palavra-chave que todos usam e se tornou aparentemente tão óbvia que parece não admitir qualquer polissemia. No discurso dos “media” e do quotidiano, o conceito de Inclusão está relacionado antes de mais com não ser excluído isto é com a capacidade de pertencer ou de se relacionar com uma comunidade. Claro que existe uma normalização implícita neste conceito: o conceito da comunidade onde a pessoa se deve integrar é o de uma comunidade benigna, positiva, diversa e próspera. Não se espera que se possa considerar incluída uma pessoa que pertence e comunica com uma comunidade fundamentalista religiosa ou com uma comunidade que faz do seu modo de vida a venda e tráfico de estupefacientes. Há assim um implícito “politicamente correcto” quando se fala de Inclusão. (RODRIGUES, 2006).

Neste panorama, os estudos voltados para manifestações da sexualidade que envolvam pessoas com deficiência tem a grande finalidade de conhecer mais a fundo as diferenças, assim como fundamentar melhor que não existe manifestação igual para cada tipo de deficiência, pois cada corpo é um corpo, e cada objeto é norteado e moldado pela cultura política que é submetido. De acordo com Schiavon “A sexualidade da pessoa com deficiência é inegável, uma vez que ela é um atributo humano, inerente a qualquer pessoa, a despeito de limitações de cunho biológico, psicológico ou social” (SCHIAVON, 2018, p.15).

Tendo em vista que anda na atualidade encontram-se barreiras para serem transpostas pelas pessoas com deficiência, que muitas vezes são importas pelos pais, professores, amigos e desconhecidos. Este fator está totalmente ligado de como a sociedade vê a pessoa com deficiência, ainda mais quando se fala sobre sexualidade que é outro tabu a ser desmistificado como corrobora Palarin:

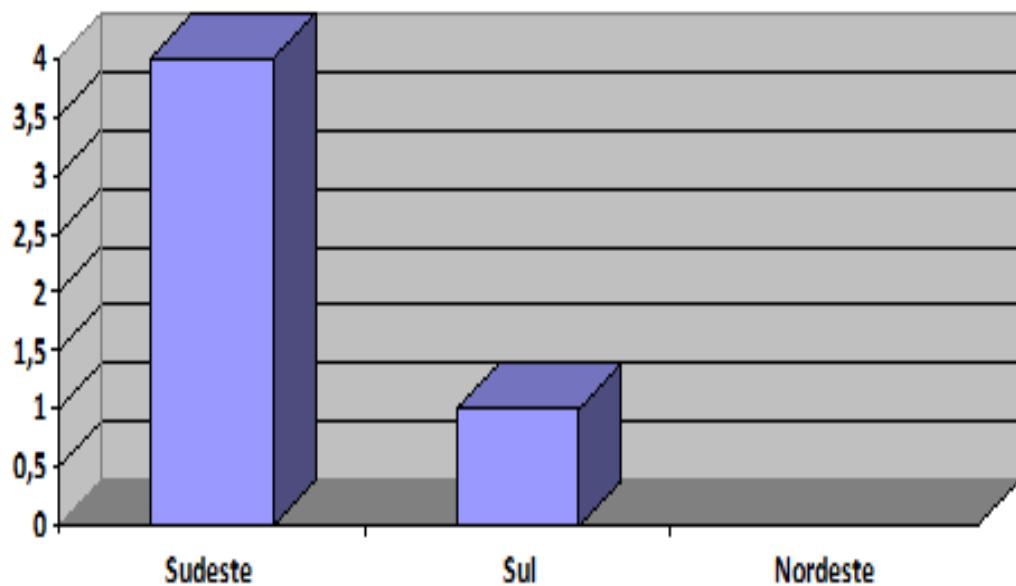
“No campo da Educação Especial, a manifestação da sexualidade também é vista por muitos como um desafio, devido exigir tratamento um pouco mais metódico e individualizado com os alunos, se comparado às escolas de ensino regular” (PALIARIN, 2015, p.13).

Nesta perspectiva, os conflitos e tabus que são criados dentro da temática, acrescentando a falta de conhecimento e preparo dos profissionais de educação em lidar com o tema, mostra-se como um campo bastante fecundo para o debate a pesquisa sobre as manifestações sexuais de pessoas com deficiência.

6.2 Por região do país e formação dos autores

De acordo com o levantamento feito nas teses e dissertações pesquisadas por regiões do país gerou-se o seguinte gráfico.

Gráfico 2- Distribuição das produções no Brasil por regiões (n= 5)



Fonte: O Autor, 2022.

Na região Sul foi encontrada na busca arquivo que foi realizada na Universidade Estadual de Ponta Grossa totalizando 20% do total de teses e dissertações pesquisadas. Na região Sudeste foi selecionado 04 trabalhos sendo sua totalidade na Universidade Estadual Paulista o que representou 80% da pesquisa. As regiões que não foram apontadas, afirma-se que não foi encontrada nenhuma produção nesta área.

O quadro 6 a seguir apresenta a distribuição dos trabalhos no programas de pós-graduação proponentes.

Quadro 6- Quadro os tipos de programa de pós-graduação (n=5)

| Nr | Programa |
|----|---|
| 1 | Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciência e Letras |
| 2 | Programa de Pós - Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática |
| 3 | Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciência e Letras |
| 4 | Programa de Pós-graduação em Educação |
| 5 | Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciência e Letras |

Fonte: O Autor, 2020

Na região Sudeste encontra-se a grande maioria das pesquisas sobre o tema proposto, esta concentração de trabalhos na região pode estar ligada a especificidade do programa e das linhas de pesquisa voltadas para a grande área de conhecimento, tendo em vista que de acordo com Fernandes, a região Sudeste carrega mais de 1.624 programas de pós-graduação enquanto o segundo lugar é o Nordeste com 687 instituições de ensino que oferecem programas de pós-graduação (FERNANDES, 2017). Com estes dados podemos chegar a conclusão de que existe uma grande concentração das pesquisas voltadas para a área de sexualidade e deficiência nesta região do país.

Sobre o quadro 06 podemos chegar ao desfecho de que grande parte das publicações são de programas voltados para educação sexual e ciências da saúde. Esta concentração pode estar sendo refletida por causa do modelo biomédico, que como foi explicado nos capítulos anteriores foi o molde que permaneceu sendo usado por muito tempo. Esta informação pode ser reafirmada com os dados das formações iniciais dos profissionais que desenvolveram as pesquisas, como mostraremos no próximo tópico.

A participação de apenas programas de Educação pode indicar um interesse da obtenção de novas informações sobre o campo pesquisado para melhorar a prática ou ação docente dos profissionais educadores, tendo em vista a importância da educação sexual no processo de formação do estudante com deficiência.

A educação sexual deve ampliar o olhar para além das informações impessoais fisiológicas ou normas sexuais, e deve abranger e atingir discussões emancipatórias sobre corpo, erotismo, prazer, sexo, gênero, e relações afetivo-sexuais, abarcando elementos também subjetivos e humanos. (BRUNS; GRASSI; FRANÇA, 1995).

Quadro 7- Formação dos autores principais

| Nr | Autor 1 | Formação |
|----|----------------------------------|---------------------|
| 1 | DENISE MARIA NEPOMUCENO SCHIAVON | Pedagogia |
| 2 | SALINE DAIANE FELD | Ciências Biológicas |
| 3 | FRANCIELY PALIARIN | Ciências Biológicas |
| 4 | KARIN ELIZABETH KRÜGER | Psicologia |
| 5 | DRIELLY TEIXEIRA LOPES SILVEIRA | Psicologia |

Fonte: O Autor, 2022

A análise do tipo de pesquisa foi feita de forma menos analítica para termos mais espaço para debater de forma mais subjetiva e menos diretiva em relação a metodologia utilizada nos trabalhos.

Chegamos ao resultado de que todos os trabalhos listados tratam de pesquisas qualitativas como explica Mazzotti:

Caracterizar a pesquisa qualitativa não é fácil. A dificuldade começa com a enorme variedade de denominações que compõem essa vertente: naturalista, pós-positivista, antropológica, etnográfica, estudo de caso, humanista, fenomenológica, hermenêutica, ideográfica, ecológica, construtiva, entre outras... Orientadores de teses e dissertações ficam sempre em dúvida entre conduzir um estudo quantitativo, com o rigor necessário à produção de conhecimento relevante, é bem mais difícil do que parece. (MAZZOTTI, 1991, p.54).

6.3 Pelos resultados e conclusões

Para melhor entender a divisão de como foi feito esta discussão, dividimos a análise dos resultados e conclusão de forma individualizada para cada trabalho investigado e apontamos as principais contribuições de cada texto.

Para facilitar a visualização dos dados analisados incluímos o quadro abaixo:

Quadro 8- Pelos métodos e conclusão

| Nr | Métodos e resultados | Conclusão |
|----|---|--|
| 1 | 6 jovens entre 15 e 31 anos que realizaram oficinas pedagógicas | A educação sexual dessas pessoas é limitada e mesmo com dificuldades para solucionar problemas, eles têm dificuldade de se expressar, fruto da própria condição de deficiência. Todos os participantes compreenderam as temáticas do filme e através de seus desenhos e falas, conseguiram expressar o que vivenciam ou compreendem por sexualidade. |
| 2 | Realizou-se um curso um de extensão com o objetivo de desenvolver e adaptar com os professores, materiais e estratégias para a educação sexual de alunos com síndrome de Down. | Foi possível elaborar em conjunto com os professores, uma proposta de material de apoio para abordar educação sexual com seus alunos com síndrome de Down. |
| 3 | Foram realizadas sete oficinas, com duração de aproximadamente duas horas cada, focalizando de uma forma lúdica, conceitos como sexualidade, preconceitos, aparelhos reprodutores, métodos contraceptivos, entre outros | Foi observado um preconceito implícito: a visão da mulher como objeto e a falta de conhecimentos básicos sobre seu próprio corpo e desenvolvimento. Projetos que tratem sobre assuntos relacionados a sexualidade podem possibilitar qualidade de vida, e o conhecimento necessário para a vivência plena dos adolescentes, estando esses em condições de deficiência ou não |
| 4 | Foram realizadas atividades com os alunos de primeiro ano do ensino fundamental, para compreender suas capacidades e posteriormente foi elaborado e aplicado um jogo didático com as crianças. | Para compreender a visão a respeito da sexualidade dos deficientes foi analisado os discursos, por meio da ótica foucaultiana na leitura das entrevistas realizadas com professores e alunos e nos registros da observação participativa durante as atividades com o material didático produzido. |
| 5 | foram realizadas entrevistas com três mulheres trans deficientes, sendo elas: duas portadoras de deficiência física e uma sensorial. | Esta pesquisa possui um caráter qualitativo e exploratório, e tem como pretensão, ampliar e fomentar novas produções e discussões relacionadas às noções de feminilidade, corpo e sexualidade a partir da subjetividade trans em interface com a deficiência. |

Fonte: O Autor, 2021

A análise dos resultados e conclusões nos permiteu trazer uma discussão sobre o que foi observado na prática das intervenções dos textos analisados, chegando a um apontamento em comum, as análise ficaram presas aos processos de identificação dos problemas mas sem elencar soluções para os mesmos ou uma busca de novas compreensões sobre o tema pesquisa nesta dissertação. Sabe-se que a famlília tem um papel fundamental no processo de acesso aos estudantes com deficiênciia aos seus direitos como afirma Zerbinati: “A família, do mesmo modo que a escola, é responsável pela transmissão cultural e apresentação do mundo para as crianças, assim como valores e normas sociais” (ZERBINATI, 2017, p.81).

Levando em consideração o desenvolvimento deste estudo é possível afirmar que o debate sobre a sexualidade de estudantes com deficiênciia nas escolas pode ter ajudado a dar uma visibilidade inicial sobre o tema contribuindo para o crescimento desta discussão, assim como as produções científica desenvolvidas durante os anos analisados pondendo implicar uma ainda um baixo interesse sobre o tema, sobre os estudantes com deficiênciia e suas manifestações, e sobre a formação docente durante este processo.

O aglomerrado de publicações acadêmicas em uma determinada região do Brasil pode estar diretamente ligado a quantidade de programas que lidam com a linha de pesquisa sobre sexualidade no país. Contudo é preciso levar em consideração os reflexos negativos desta concentração, pois deixa o público alvo da pesquisa desprotegido de ações necessárias que as intervenções podem trazer na sociedade contribuindo para a manutenção de uma visão retrógrada e preconceituosa sobre a pessoa com deficiênciia e o ato de expressar a sexualidade.

Ainda sobre os programas de pós graduação, podemos chegar ao resultado pela formação dos autores que a maioria deles são voltados para saúde ou a área biológica, e uma pequena parcela na educação, o que nos leva a crer que o modelo biomédico ainda é visto com frequência dentro das pesquisas sobre inclusão no meio acadêmico.

Analizando a maneira de como foram feitas as pesquisas onde uma significativa parcela utiliza oficinas pedagógica para a intervenção e não ouve de forma ativa as crianças analisadas e sim as respostas a atividade proposta. Houve, ainda, trabalhos que utilizaram uma faixa etária de pesquisa grande em uma mesma investigação, desconsiderando o desenvolvimento da pessoa enquanto ser cultural e

político, não levando em consideração os níveis de escolarização e experiências vividas em sociedade.

6.4 Considerações sobre a análise

Com base na análise feita, é possível constatar que a visão biomédica do estudante com deficiência ainda geram a maioria das pesquisas sobre sexualidade e suas manifestações quando envolvemos as pessoas com deficiência baseando-se em uma visão tecnicista da formação profissional dos professores, compreendendo que a pessoa com deficiência é um ser que falta saúde e que dever ser tratado como uma pessoa doente necessitando de remédio, tratamento e cura. Nesta visão necessita-se a visão do modelo social ou biopsicosocial para nortear as pesquisas e suas intervenções dentro do campo estudado, ou ainda mais audaciosamente a criança de um novo modelo que abarque um viés educacional durante o seu processo de delineamento.

Desta forma, os estudos sobre a sexualidade não levam em consideração as manifestações do ato durante a ação docente, que acontece com regularidade no ambiente escolar, nos levando a creer que tanto a família, os professores, a escola e os pesquisadores fecham o olhos para considerar estas manifestações nas suas pesquisas nos deixando faltar uma visão científica satisfatória sobre o tema. Na ausência do debate faz-se necessário uma reflexão e utilizações de inúmeros pontos de vários modelos de conceituação justificando a falta de ferramentas teóricas para análises futuras, embasando esta colocação temos Prioste que no seu artigo chega a conclusão de que “a sexualidade dos alunos in-comoda os professores e, a sexualidade dos alunos com necessidades educacionais especiais, incomoda ain-da mais” (PRIOSTE, 2010, p. 19).

O modelos e como eles podem nortear a concepção das pessoas sobre as manifestações da sexualidade são discutidos por Gesser, onde afirma que a deficiência é articulada com os inúmeros marcadores sociais – raça, gênero, geração, classe social, entre outros – que atuam como barreiras limitadoras do processo de participação efetiva na sociedade (GESER, 2014, p.852).

Mesmo apresentando incoerências durante o processo de escrita sobre os modelos que norteam as pesquisas supracitadas, reforçamos aqui o modelo biopsicosocial ainda pouco conhecido dentro da comunidade que utiliza a educação inclusiva como objeto de pesquisa, e mesmo na sua totalidade o modelo biopsicosocial ainda carrega o fardo de ter na sua gênese alguns conceitos da formulação biomédica pairando sobre si, como afirma De Marco:

A perspectiva que tem como referência o modelo biopsicosocial tem-se afirmado progressivamente. Ela proporciona uma visão integral do ser e do adoecer que compreende as dimensões físicas, psicológicas e social. Quando incorporada ao modelo de formação do médico coloca a necessidade de que o profissional, além do aprendizado e evolução das habilidades técnico-instrumentais, evolua também as capacidades relacionais que permitem o estabelecimento de um vínculo adequado a uma comunicação efetiva. (DE MARCO, 2006, p.64).

Com base no exposto, sobre os modelos, apontamos a afirmação de Cruz, onde afirma que o modelo biomédico fez-nos pensar na retomada da articulação da saúde-homem-comunidade e buscar novamente, o modelo em que o traço individual possa buscar o mundo social – o modelo biopsicossocial (CRUZ, 2013, p.86). Assim, necessita-se novas pesquisas que debatam dentro do modelo biopsicossocial as manifestações da sexualidade das pessoas com deficiência no papel das suas vivências diárias, inclusive no ambiente escolar, assim como envolver a análise da formação docente durante este processo para trazer novas e significativas contribuições para o tema.

Para dar mais robustez a escrita científica desta busca traremos agora uma sucinta ideia de cada dissertação escolhida e qual a principal descritiva destas porções, no intuito além de divulgar conhecimento, apontar a significância nas produções dos pesquisadores.

A pesquisadora Shiavon (2018) na sua dissertação faz 3 (três) oficinas pedagógicas com 6 (seis) jovens diagnosticados com deficiência intelectual. “As temáticas ressaltadas pelos participantes durante as oficinas foram violência doméstica, primeira relação sexual, papéis de gênero e doenças sexualmente transmissíveis” (SHIAVON, 2018, p.8). Chega-se a conclusão de que todos os participantes independendo do nível de comprometimento chegam a conclusões sobre os conceitos de sexualidade e conseguem exprimir suas ideias sobre o tema proposto, mostrando que diferente de como o modelo biomédico explicita, de que pessoas com deficiência intelectual não poderiam entender o que esta sendo falado, pois trataria a pessoa enquanto ser doente e que não teria condições de expressar suas ideias e indignações.

Utilizando a mesma ferramenta do trabalho citado acima, Paliarim (2015) utilizando sete oficinas pedagógicas com os estudantes com deficiência intelectual,

utilizando atividades lúdicas e brincadeiras para falar sobre sexualidade e chega-se a seguinte descrição:

Os adolescentes demonstraram interesse participando das atividades e explanando suas dúvidas, curiosidades, anseios, e, em diversos momentos, mostraram-se sensibilizados diante das discussões. Foi observado um preconceito implícito: a visão da mulher como objeto; e a falta de conhecimentos básicos sobre seu próprio corpo e desenvolvimento. Projetos que tratem sobre assuntos relacionados a sexualidade podem possibilitar qualidade de vida, e o conhecimento necessário para a vivência plena dos adolescentes, estando esses em condições de deficiência ou não. (PALIARIM, 2015, P. 08).

Desta forma, nota-se a importância de trabalhar assuntos relacionados a o cotidiano do estudante trazendo condições de melhora na qualidade de vida dele.

Já na pesquisa de Feld (2019) foi desenvolvido juntamente com os professores um processo de formação continuada onde eles produziram materiais pedagógicos para serem trabalhados com os alunos com síndrome de *down* sobre as manifestações da sexualidade. “Foi possível elaborar em conjunto com os professores, uma proposta de material de apoio para abordar educação sexual com seus alunos com síndrome de Down” (FELD, 2019, p.09). Com isso chega-se a conclusão que os professores podem passar pelo processo de formação e não serem motivadores da exclusão de pessoas com deficiência e nem deixar que o conteúdo da sexualidade seja tratado como irrelevante para a formação da pessoa com deficiência enquanto cidadão vivente e que interage em sociedade.

Na pesquisa de Kruger foi criado um jogo pedagógico, que após a intervenção foi doado para a escola, a pesquisadora depois que aplicou este jogo analisou a narrativa dos professores e dos alunos para analisar o resultado da interação, chegando ao apontamento final dizendo “mesmo que a literatura aborde a problemática da sexualidade do deficiente intelectual, muitos pais e educadores continuam manifestando dificuldades e receios quando se fala deste assunto” (KRUGER, 2018, p.111).

Para concluir o debate com os pesquisadores das teses e dissertações analisadas, chegamos à dissertação de Silveira, onde trás uma discussão importante sobre novas produções e discussões relacionadas às noções de feminilidade, corpo e sexualidade a partir da subjetividade trans em interface com a deficiência. Na pesquisa foi feito uma análise narrativa com três pessoas trans deficientes e chegou-se ao desfecho que o corpo deficiente sofre preconceito em todas as suas manifestações, inclusive quando se é uma pessoa trans. “A figura da sereia sintetiza

o feminino sedutor, o feminino enquanto “coragem”, o feminino que foge à ordem anatômica, o feminino que expõe a impossibilidade de uma coerência física concreta” (SILVEIRA, 2018, p. 186).

a literatura científica aponta a necessidade da educação sexual ainda na universidade para que os futuros professores, enfermeiros, médicos, psicólogos e demais profissionais cheguem a suas práticas tendo condições e esclarecimento suficiente para compreender e intervir seguindo diretrizes científicas, éticas e políticas voltadas à temática da sexualidade. (CIAFFONE e GESSER, 2014).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma dissertação que é fundamentada em cima de conceitos ainda não acabados certamente não terá respostas prontas e nem verdades absolutas. Novas perguntas foram levantadas e a busca pelo conhecimento não parará. Com esta afirmação chegamos ao suposto que não temos considerações finais sobre o tema proposto, a discussão aqui levantada certamente servirá como discussão inicial fomentadora de novas análises.

A manifestação da sexualidade deve ser encarada com naturalidade pelos professores durante sua prática docente, até porque estas expressões são inerentes ao ato de ser humano e faz parte do processo de desenvolvimento no ser humano. Entretanto, as crianças com deficiência muitas vezes são negligenciadas neste aspecto, sendo vistas como seres assexuados e não participantes do processo de expressão da sexualidade.

Mesmo tendo encontrado nos trabalhos oficinas pedagógicas e criação de materiais para atenuar a falta de comunicação entre as pessoas com deficiência e os professores, os estudantes supracitados ainda não encontram espaço quando falamos em expressar sua sexualidade. Com isso a mesma fala vem à tona, de que os professores não se sentem preparados para atuar nestes casos.

Com esta problemática buscou-se no decorrer das análises das dissertações e teses compreender o caminho que foi percorrido para mistificar e tirar da pessoa com deficiência o direito presente nos documentos oficiais que normatizam a educação inclusiva no Brasil e chegou-se à conclusão de que neste ponto ainda falta uma longa caminhada para o público de estudantes com deficiência se tornarem totalmente inclusos nos processos educacionais, da mesma forma acontece com as produções científicas.

Até o presente momento vários programas de formação continuada são formulados, mas ainda não se sabe como atuar perante as manifestações da sexualidade dos estudantes com deficiência, esperasse uma fórmula mágica pedagógica, mas não será como algumas palestras que mudaremos o mecanismo de algumas ideias preconceituosas da sociedade em que o estudante com deficiência vive em frequente enfrentamento.

Esta é uma tarefa árdua e que depende de todas as esferas sociais e políticas, não só de formação continuada, mas com discussões, propostas, atividades, ferramentas para serem realizadas no ambiente escolar e fora dele.

Vivemos em um momento de fragmentação e não articulação entre várias esferas, legislativo e executivo com uma perspectiva não anunciada e nem articulada para garantir o acesso aos estudantes com deficiência ao seu direito de viver em sociedade. Ainda existe uma constante proibição de se falar em sexualidade nas escolas. Nesta mesma linha, os estudantes com deficiência fazem parte de um campo de disputa amordaçado, aprisionado e inferiorizado.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Daniela Murta. Os desafios da despatologização da transexualidade: reflexões sobre a assistência a transexuais no Brasil. 2011. 107 f. **Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administra)** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- AGUIAR, João Serapião de; DUARTE, Édison. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 11, n. 2, p. 223-240, 2005.
- BASTOS, Olga Maria; DESLANDES, Suely Ferreira. Sexualidade e deficiência intelectual: narrativas de pais de adolescentes. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, p. 1031-1046, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. La domination masculine (1998). **Paris, Le Seuil, coll.«Points**, 2002.
- BAUER. M; GASKELL, G. (orgs.) **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. trad. Pedrinho Guareschi. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2002.
- BISPO, Adriana GO. Percepções de Professores e Alunos do Ensino Fundamental em relação às causas da indisciplina em sala de aula. 2017.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero, **Cadernos Pagu**, n.42, p.249-274, jan./jun. 2014.
- BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade Cultural: Orientação Sexual. Ministério da Educação e Cultura. **Secretaria de Educação Fundamental**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, MEC/SEF, 2000.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**. Brasília, 2015.
- BRASIL, Constituição. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. **Brasília: Corde**, 1994.
- BRIZOLLA, Francéli. Educação Especial no Rio Grande do Sul: análise de um recorte no campo das políticas públicas. 2000.
- BRUNS, Maria Alves de Toledo; GRASSI, M. V. F. C.; FRANÇA, Carlos. Educação sexual numa visão mais abrangente. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.6, n.1, p.60-66, 1995.
- CASSANDRE, Marcio Pascoal. Metodologias Intervencionistas na Perspectiva da Teoria da Atividade Histórica-Cultural: Um Aporte Metodológico para Estudos Organizacionais. **Teoria e Prática em Administração (TPA)**, v. 3, n. 1, p. 176-178, 2013.

Capellini, V. L. M. F. (2009). **O direito de aprender de todos e de cada um.** In M. S. S. Moraes & E. A. Maranhe (Orgs.), *Introdução conceitual para educação na diversidade e cidadania* (pp.65-100). São Paulo: Unesp

CHAGAS, Patrícia Monteiro Lima; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Sexualidade e a Pessoa com Deficiência Intelectual: Proposição do Tema nas Escolas. **Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade**, v. 5, n. 9, p. 199-216, 2018.

CLANDIN, D. J.; CONNELLY, F. M. **NarrativeInquiry: experienceandstory in qualitativeresearch.** Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CIAFFONE, Adriane Costa e Rocha; GESSER, Marivete. Integração Saúde e Educação: Contribuições da Psicologia para a Formação de Educadores de uma Creche em Sexualidade Infantil. **Psicologia Ciências e Profissão.** v.34, n.3, pp.774-787, 2014.

COSTA, R.V. Atenção a Saúde: Discussão sobre os modelos biomédicos e biopsicossocial. São Paulo, SP. 2007

Couwenhoven, T. (2007). **Teachingchildrenwith Down Syndromeabouttheirbodies, boundariesandsexuality:** A guide for parentsandprofessionals. Bethesda: WoodbineHouse

DE ASSIS, Maria de Fátima Pessoa; DE OLIVEIRA, Maria Lúcia. Por uma história da sexualidade entre Freud e Foucault: costuras e alinhavos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 4, n. 3, 2009.

TURCI, Paulo Cesar; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Inclusão escolar na perspectiva da educação para todos de Paulo Freire. 2011.

CRUZ, Cleya Silva Santana et al. Do pensamento clínico, segundo Foucault, ao resgate do modelo biopsicossocial: uma análise reflexiva. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 11, n. 1, p. 30-39, 2013.

DA SILVA CHARLOT, Veleida Anahi Capua; CHARLOT, Bernard. As Relações de Diversidade de Gênero e Sexualidade na Escola: Uma Prática Necessária de Reflexão Pedagógica. 2021

DE MARCO, Mario Alfredo. Do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial: um projeto de educação permanente. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 30, p. 60-72, 2006.

DE OLIVEIRA, Valdirene Alves Ferreira; LACERDA, Léia Teixeira. A RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NA ATUAÇÃO DE PROFESSORES. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGEM**, v. 4, n. 7, p. 100-124, 2020.

DINIZ, Debora. Modelo social da deficiência: a crítica feminista. 2003.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em Educação:** fundamentos e tradições. 1. ed. Porto Alegre, RS: AMGH, 2010. 268 p

Engel GL. The need for a new medical model. A challenge for biomedicine. *Science*, v. 196, n. 4286, p. 129-136, 1977.

FLORA, Fernando Antônio Mourão. As origens históricas da Clínica e suas implicações sobre a abordagem dos problemas psicológicos na prática médica. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 2, n. 7, p. 203-216, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção leitura, p. 21, 2005.

FELD, Saline Daiane et al. Abordagem sobre educação sexual para alunos com Síndrome de Down: uma proposta educacional. 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, p. 127, 1985.

FOUCAULT, M. História da sexualidade: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2003. v.2.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2011.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. **Fundamentos de epidemiologia**. 2ed. A, v. 398, p. 1-377, 2010.

GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. **Revista Contrapontos**, v. 3, n. 3, p. 393-405, 2003.

GESER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. Psicologia, sexualidade e deficiência: Novas perspectivas em direitos humanos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 34, p. 850-863, 2014.

GLAT, Rosana. A sexualidade da pessoa com deficiência mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 1, n. 1, p. 65-74, 1992.

GOMES, RuthieBonan et al. Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, 2019.

ITO, Ana Misako Y. et al. Estudo dos doenças sexualmente transmissíveis no município de Londrina, Paraná, Brasil: III. A prevalência da gonorréia em 1976-1977. **Revista de Saúde Pública**, v. 14, p. 36-42, 1980.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M; GASKELL, G. (orgs.) **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. trad. Pedrinho Guareschi. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

KRÜGER, Karin Elizabeth. Sexualidade e deficiência intelectual: uma proposta de criação de material didático-pedagógico para intervenção escolar no município de Araraquara-São Paulo-Brasil. 2018.

LUIZ, Karla Garcia; NUERNBERG, Adriano Henrique. A sexualidade da pessoa com deficiência nas capas da Revista Sentidos: inclusão ou perpetuação do estigma?. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 30, n. 1, p. 58-65, 2018.

MAISTRO, Virginia F.; ARRUDA; Sergio de M. O contexto escolar como um lugar de construção e reflexão sobre a sexualidade. PUC/PR, 2009. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br>. Acesso 04/04/2022.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi et al. Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 32, n. 3, p. 427-435, 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista brasileira de educação especial**, p. 159-176, 2010.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; VILAÇA, Teresa. Concepções de professores sobre a sexualidade de alunos e a sua formação em educação inclusiva. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 59, 2017.

MARCOTTI, Paulo; MARQUES, Michele Ferreira. Educação inclusiva-formação e prática docente. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, v. 1, n. 1, p. 77-86, 2017.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criativa. 33. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

MYERS, G. Análise da conversação e da fala. In: BAUER. M; GASKELL, G. (Orgs) **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. trad. Pedrinho Guareschi. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2002. p. 271-292

NELSON, Ardis Lorraine. Characterization and Menippean satire in the major works of Guillermo Cabrera Infante. **Indiana University**, 1980.

NUNES, César Aparecido. Filosofia, sexualidade e educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. **Campinas: Universidade Estadual de Campinas**, 1996.

NUNES, Cesar Aparecido. Desvendando a Sexualidade. 7 ed. Campinas/SP: Papirus, 2005

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OMOTE, Sadao. Inclusão e a questão das diferenças na educação. **Perspectiva**, v. 24, n. 3, p. 251-272, 2006.

PALIARIN, Franciely. **SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIAS**: dando vozes aos adolescentes por meio de oficinas pedagógicas. 2015.

PEREIRA, Zilene Moreira; MONTEIRO, Simone Souza. Gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: análise da produção científica recente. **Revista Contexto & Educação**, v. 30, n. 95, p. 117-146, 2015.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. Educação sexual de pessoas com deficiência mental. **Revista Educação Especial**, n. 30, 2007.

PRIOSTE, Cláudia Dias. Educação inclusiva e sexualidade na escola: relato de caso. **Estilos da Clínica**, v. 15, n. 1, p. 14-25, 2010.

PRYCHODCO, Robson Celestino. Influência dos modelos biomédico, social e biopsicossocial nas concepções e práticas de intervenção direcionadas à inclusão escolar. 2020.

PUTTINI, Rodolfo Franco; PEREIRA JUNIOR, Alfredo; OLIVEIRA, Luiz Roberto de. Modelos explicativos em saúde coletiva: abordagem biopsicossocial e auto-organização. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 20, n. 3, p. 753-767, 2010.

RODRIGUES, David. Dez ideias (mal) feitas sobre a educação inclusiva. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus**, p. 299-318, 2006.

RODRIGUES, Sonia Maria. Educação Inclusiva e formação docente. **Diversidade e educação inclusiva na prática. Minas Gerais, jun/1012**.

RODRIGUES, José Carlos; SOUZA, Salete Cecília de. Como pensar a acessibilidade em artigos de periódicos: tendências em design universal para pessoas com deficiência visual.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Vida Independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos**. São Paulo: RNR, p. 12-16, 2003.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, v. 12, n. 2, p. 10-16, 2009.

SCHIAVON, Denise Maria Nepomuceno. **“Não deficientize minha sexualidade”**: repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas pedagógicas. 2018.

SCHÜTZ, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W; PFAFF, N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 210-222

SOARES, Ana Helena Rotta; MOREIRA, Martha Cristina Nunes; MONTEIRO, Lúcia Maria Costa. Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estigma. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 1, p. 185-194, 2008.

SILVEIRA, Drielly Teixeira Lopes. Sob o signo da sereia: a feminilidade na experiência de mulheres trans deficientes. 2018.

SILVA, José Jefferson da. **A formação inicial de professores de matemática e os desafios dos processos didáticos para atuação com pessoas com deficiências**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

TEIXEIRA, Edival Sebastião; BERNARTT, Maria de Lourdes; TRINDADE, Glademir Alves. Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 34, p. 227-242, 2008.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso (4a edição, revista e ampliada)**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Objetiva, 2018.

VIANNA, Cláudia. Gênero e Diversidade Sexual: desafios para a prática docente. **Material de apoio do curso de Especialização em Ética, Valores e Cidadania na Escola, da UNIVESP, disciplina Convivência Democrática.** UNIVESP, 2012.

VIEIRA, Camila Mugnai; COELHO, Marili André. Sexualidade e deficiência intelectual: concepções, vivências e o papel da educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, p. 201-212, 2014.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. Sexualidade e Educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. **Travessias**, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017.